



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA MILITAR BRASILEIRA

SÉRGIO WILLIAN DE CASTRO OLIVEIRA FILHO

“LA JORNADA GLORIOSA DEL 11 DE JUNIO”:
A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO COMO PROPAGANDA DE
GUERRA NOS PERIÓDICOS PARAGUAIOS

RIO DE JANEIRO

2017

SERGIO WILLIAN DE CASTRO OLIVEIRA FILHO

**“LA JORNADA GLORIOSA DEL 11 DE JUNIO”:
A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO COMO PROPAGANDA DE
GUERRA NOS PERIÓDICOS PARAGUAIOS**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Especialista em História Militar Brasileira.

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. CLÁUDIA BUCCERONI GUERRA

Este exemplar corresponde à versão final da monografia defendida pelo aluno Sergio Willian de Castro Oliveira Filho e orientada pela Profa. Dra. Cláudia Bucceroni Guerra.

ASSINATURA DA ORIENTADORA

RIO DE JANEIRO

2017

O48 Oliveira Filho, Sergio Willian de Castro
“La Jornada Gloriosa del 11 de junio”: a Batalha Naval do
Riachuelo como propaganda de guerra nos periódicos
paraguaios / Sergio Willian de Castro Oliveira Filho. -- Rio
de Janeiro, 2017.
75 f. : il.

Orientadora: Cláudia Bucceroni Guerra.
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de
Ciências Humanas e Sociais, Especialização em História
Militar Brasileira, 2017.

1. Riachuelo, Batalha do, 1865. 2. Imprensa - Paraguai. 3.
Riachuelo, Batalha do, 1865 - Propaganda. I. Guerra,
Cláudia Bucceroni, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

**“LA JORNADA GLORIOSA DEL 11 DE JUNIO”:
A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO COMO PROPAGANDA DE GUERRA
NOS PERIÓDICOS PARAGUAIOS**

SERGIO WILLIAN DE CASTRO OLIVEIRA FILHO

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cláudia Bucceroni Guerra (Orientadora)

Prof. Dra. Geni Chaves Fernandes

Prof. Dr. Marcello José Gomes Loureiro

Prof. Me. Armando de Senna Bittencourt

Rio de Janeiro, junho de 2017

À Briosà

AGRADECIMENTOS

À minha esposa Luana e minha filha Dorothy, por serem sempre as inspirações de todos os meus projetos e pelo suporte emocional necessário para concretizá-los.

À minha mãe Adizia, pelos ensinamentos, apoio e confiança inabaláveis.

A todos aqueles que fazem parte de minha família, pois, mesmo estando espacialmente distante deles (as), sempre sinto o carinho proveniente de cada um.

À minha orientadora, Prof. Dra. Cláudia Guerra, pelos conselhos acadêmicos.

Aos diversos professores do curso de Especialização em História Militar Brasileira que nos enriqueceram ao compartilhar conosco seus conhecimentos e experiências.

Aos companheiros de turma, pelos momentos de debate e confraternização.

Ao Vice-Almirante Armando de Senna Bittencourt, que sempre apoiou e interessou-se pelo aprimoramento profissional e intelectual daqueles que comandou.

Ao Vice-Almirante José Carlos Mathias, que manteve a mesma linha entusiástica de seu antecessor na formação de seus subordinados.

Aos pesquisadores do Departamento de História da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, que me possibilitaram grandioso crescimento acadêmico e pessoal através do cotidiano cercado pela História Marítima e Arqueologia Subaquática.

Aos demais amigos da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, pela intensa amizade, companheirismo e felicidade que me proporcionam cotidianamente.

RESUMO:

A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai foi um conflito cuja análise pode extrapolar as características políticas e econômicas, isto é, ante um conflito que colocava em campos antagônicos nações recentemente surgidas, a construção discursiva da nacionalidade, da pátria, do sentimento de pertencimento a um território, foi algo que preencheu ambos os lados da guerra. Nossa proposta de análise surge deste ponto de partida, mas almeja tratar um episódio específico: a Batalha Naval do Riachuelo. Tal embate, ocorrido entre as forças navais paraguaia e brasileira em 11 de junho de 1865, trouxe numerosos desdobramentos propagandísticos na imprensa paraguaia. Poucos dias após tal episódio e nos anos subsequentes, ainda durante a guerra, houve da parte de alguns periódicos que circulavam no Paraguai, a construção de um discurso que proclamava a vitória paraguaia naquele famoso 11 de junho de 1865. De modo que propomos discutir como tal imprensa pode ser abordada como fonte para uma análise no campo da historiografia militar.

Palavras-Chave: Batalha Naval do Riachuelo; Imprensa paraguaia; Propaganda.

ABSTRACT:

The War of the Triple Alliance against Paraguay was a conflict whose analysis can extrapolate the political and economic, that is, in a conflict that put in newly emerging antagonistic nations fields, the discursive construction of nationality, country, the feeling of belonging to a territory, was something that filled both sides of the war. Our analysis of this proposal is a starting point, but aims to treat a specific episode: the Battle of Riachuelo. This confrontation, which occurred between the Paraguayan and Brazilian naval forces on June 11, 1865, brought numerous propagandistic developments in the Paraguayan press. A few days after this episode and in subsequent years, even during the war, was part of some journals circulating in Paraguay, the construction of a speech proclaiming the Paraguayan victory that famous June 11, 1865. So we propose to discuss how such a press can be approached as a source for analysis in the field of military historiography.

Keywords: Battle of Riachuelo; Paraguayan press; Propaganda.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| TABELAS E ILUSTRAÇÕES: | 08 |
| PRÓLOGO: | 09 |
| INTRODUÇÃO: | 12 |
| CAPÍTULO 1: A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA | 17 |
| 1.1. A NARRATIVA..... | 17 |
| 1.2. A “INCONTESTÁVEL” VITÓRIA BRASILEIRA | 22 |
| CAPÍTULO 2: A IMPRENSA DE TRINCHEIRA PARAGUAIA | 23 |
| 2.1. <i>EL SEMANARIO</i> : A IMPRENSA OFICIAL..... | 27 |
| 2.2. <i>EL CENTINELA</i> : O SOLDADO DE LOPEZ | 35 |
| 2.3. <i>CABICHUÍ</i> : A VESPA PARAGUAIA | 41 |
| CAPÍTULO 3: “LA JORNADA GLORIOSA DEL 11 DE JUNIO” | 49 |
| 3.1. NOTÍCIAS DE UMA VITÓRIA PARAGUAIA | 49 |
| 3.2. COMEMORAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DA VITÓRIA..... | 58 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS: | 65 |
| BIBLIOGRAFIA: | 68 |
| ANEXOS: | 73 |

TABELAS E ILUSTRAÇÕES

TABELAS:

| | |
|--|----|
| TABELA 1: FORÇA NAVAL BRASILEIRA SOB O COMANDO DO CHEFE DE DIVISÃO FRANCISCO MANUEL BARROSO DA SILVA QUE TOMOU PARTE DA BATALHA NAVAL DO RIACHUELO | 19 |
|--|----|

ILUSTRAÇÕES:

| | |
|--|----|
| FIGURA 1: PLANO DA BATALHA NAVAL DO RIACHUELO PELO PRIMEIRO-TENENTE ANTONIO LUIZ VON HOONHOLTZ, COMANDANTE DA CANHONEIRA <i>ARAGUARI</i> | 20 |
| FIGURA 2: REPRODUÇÃO DA CAPA DO PRIMEIRO NÚMERO DO “ <i>SEMANARIO</i> ” | 28 |
| FIGURA 3: “LA TRIPLE ALLANZA CONTRA LA VIRGEN DE LAS REGIONES MERIDIONALES” ... | 34 |
| FIGURA 4: REPRODUÇÃO DA CAPA DO PRIMEIRO NÚMERO DE “ <i>EL CENTINELA</i> ” | 36 |
| FIGURA 5: CONFERENCIA SECRETA | 37 |
| FIGURA 6: SOLANO LOPEZ | 41 |
| FIGURA 7: REPRODUÇÃO DA CAPA DO PRIMEIRO NÚMERO DE “ <i>CABICHU?</i> ” | 41 |
| FIGURA 8: “LA LECTURA DEL CABICHU?” | 45 |
| FIGURA 9: “EL MARQUEZ DE CAXIAS VÁ A BOMBARDEAR EL CAMPAMENTO PARAGUAYO” .. | 46 |
| FIGURA 10: MEDALHA DE RIACHUELO (PARAGUAI) | 53 |
| FIGURA 11: “MAUSOLEO Á LAS GLORIOSAS VÍCTIMAS DEL RIACHUELO” | 61 |

PRÓLOGO

Este prólogo é fruto de nossa liberdade imaginativa, inspirada na leitura das fontes que compuseram a presente pesquisa, não se constituindo como reprodução de fonte documental, tampouco de análise crítica (a qual será feita nas discussões inseridas nos capítulos da monografia). Trata-se de uma elaboração discursiva da Batalha Naval do Riachuelo pelos olhos de um combatente paraguaio fictício. Há de se levar em consideração que, enquanto do lado brasileiro se produziu profusa documentação relativa ao embate em Riachuelo pelos que nela participaram (partes de combate, relatórios, comunicações oficiais, diários, correspondências, memórias); da parte paraguaia poucos registros, inclusive oficiais, chegaram aos historiadores. Assim, o texto abaixo, tomou por base artigos publicados nas semanas imediatamente posteriores à Batalha de Riachuelo, por um periódico de Assunção vinculado ao governo paraguaio e que exercia a função de imprensa oficial. O leitor, especialista ou não no tema, perceberá que a parcialidade reina na descrição dos combates, além disso, as informações são por vezes truncadas, obscuras e equivocadas. Quantidades e nomenclaturas, especialmente quando se referem à força naval brasileira, carecem de maior rigor e em alguns momentos soam exageradas, enquanto em outros são subestimadas. Nosso observador que narra os fatos abaixo nunca existiu. Desse modo, pede-se que se perceba a escrita deste prólogo como um amálgama de palavras provenientes de um eco distante, mediado culturalmente por nós, e que vislumbra a Batalha Naval do Riachuelo sob um ponto de vista que não mais se sustenta, mas que, nem por isso deixou de ser verossímil a muitas pessoas há mais de cento e cinquenta anos em um recanto da América do Sul chamado Paraguai.

O Riachuelo Guarani

Estávamos na Fortaleza de Humaitá. No sábado à noite, dia 10 de junho, suspendemos com nossa pequena frota composta pelos vapores *Tacuari*, *Ygurei*, *Paraguari*, *Marques*, *Salto*, *Jejuy*, *Yporá*, *Pirabebe* e *Yberá*. Sabíamos que a poderosa esquadra brasileira, a qual fustigara a cidade de Corrientes no último dia 25, mantivera-se rio abaixo, bem próximo da cidade e que sua presença ali nos era prejudicial por ser uma ameaça constante e também pelo

bloqueio criminoso que faziam, prejudicando nosso comércio. Então, as ordens do nosso Marechal eram de realizar um ataque surpresa e neutralizar tal ameaça.

Acabamos nos atrasando, pois, o *Yberá* apresentou problemas nas máquinas e teve que deter-se em Três Bocas. Assim, nosso encontro com o inimigo se deu apenas por volta das 9 horas da manhã do dia 11. Fundeados à direita do rio estavam dez vapores brasileiros somando cerca de 100 canhões. Passamos diante dos navios inimigos e tomamos o canal à esquerda sob intenso fogo, o qual foi prontamente respondido. Em seguida nos colocamos à boca do Riachuelo sob a proteção do 2º Regimento de Artilharia a Cavalos postado em terra.

O Vapor *Jeju* foi inutilizado por um tiro recebido nesta passagem e o *Ygurei* acabou perdendo uma de suas caldeiras. Mesmo assim, colocamo-nos em linha na foz do Riachuelo. Algum tempo depois a esquadra brasileira veio ao nosso encontro sendo severamente fustigada pelos canhões de nossos navios e pela nossa artilharia em terra. Comandava nosso regimento nas barrancas o Comandante Bruguez, que teve o importante apoio do Major Aquino, do Tenente Zayas e do Alferes Julian Bruno.

Acosados pelo nosso intenso fogo, um dos vapores inimigos se despreendeu do restante e sofreu bastantes avarias. Outro vapor brasileiro também foi barrado e teve o casco muito danificado. Assim, foi ordenada a realização da abordagem, a qual foi iniciada pelo *Tacuari*, seguido do *Yporá*, do *Marques* e do *Paraguari*. Porém, este último teve a infelicidade de ser colocado fora de combate após sofrer grande dano e em seguida ter encalhado.

O *Belmonte* foi abordado pelos soldados e marinheiros do *Tacuari* e do *Marques*. Grandes baixas impusemos aos homens do vapor abordado. Contudo, utilizando a força de suas máquinas tal navio conseguiu escapar. O *Marques* pôs-se, então, juntamente com o *Yporá* e o *Ygurei* a fustigar outro vapor brasileiro, que se lançou em um banco de areia e pediu auxílio ao vapor *Terror do Mundo*. Foi então que os demais navios brasileiros que haviam descido o rio retornaram.

Tentamos proteger o *Jeju* e o *Paraguari*, os quais estavam inutilizados. O *Ygurei* teve que se retirar por conta do estado de suas máquinas. O *Salto*, que até então tinha êxito na luta, foi acossado por vários navios inimigos e acabou encalhando sobre a costa direita. O *Marques* resistiu tenazmente diante dos inimigos que lhe rodeavam. Seu comandante, o tenente Robles, juntamente com os Alferes Francisco Neroni e Lorenzo Veron, demonstrou denodo na defesa do navio.

Apesar da superioridade dos navios inimigos, nossa bravura se fez notar. Conseguimos, inclusive, fazer tremular por algum tempo a bandeira paraguaia no *Parnaíba*. Enquanto isso, nossas forças em terra continuavam a atacar o inimigo.

Nossos navios se retiraram, mas tal foi o prejuízo que impusemos ao inimigo que sequer o mesmo nos fez perseguição. Seus navios ficaram severamente avariados, especialmente os dois principais: o *Belmonte* e o *Terror do Mundo*.

Ficamos sabendo no dia 12, já em Humaitá, por um maquinista, que o Tenente Robles, mesmo bastante ferido, não abandonou o navio sob o seu comando e continuou a lutar. Além dele destacaram-se, no *Salto*: seu comandante, o Alferes Vicente Alcaras, e os alferes Tomas Galiano e Justo Martinez; no *Ygurei*: o Capitão Cabral, que o comandava, e os alferes Pantaleon Urdapilleta e Juan Recalde; no *Paraguari*: o Comandante José Alonzo e os subtenentes Domingo Pereira e Nicacio Vieira. No pequeno *Yporá* foram bastante valorosos, seu comandante, o Subtenente Aniceto Lopes, e os subtenentes Manuel Decoud e Juan Martinez, os quais foram feridos.

Merece menção o cabo Machuca, da tripulação do *Tacuari*, que foi o primeiro a saltar sobre a *Belmonte* durante a abordagem. O primeiro maquinista do *Tacuari*, Juan Watts, também prestou excelente serviço. Um oficial brasileiro que tentou arriar nossa bandeira do *Ygurei*, pagou por sua ousadia sendo morto por um tiro de pistola disparado pelo assistente De La Cruz Mereles.

O Capitão Meza foi ferido de fuzil, mas o Sargento Lucio Leon acertou aquele que alvejara seu comandante. Perdemos o Alferes Martinez ferido mortalmente com um tiro de canhão que caiu próximo aos seus pés.

O inimigo contava com dez navios de guerra e mais de 100 canhões e nós somente com oito navios, quase todos de transporte, e somente 33 peças de artilharia incluídas aí as dos lanchões. Triunfamos no quesito material e moral. Vingaremos nossos mortos. Humaitá os espera.

INTRODUÇÃO

Escrever história é tão difícil que a maioria dos historiadores vê-se obrigada a fazer concessões à técnica do lendário (AUERBACH, 2015, p. 17).

A história¹ é feita de versões, seu caráter é subjetivo e por tal motivo o historiador é um selecionador. Esta máxima da subjetividade histórica encontra respaldo no meio acadêmico há muitas décadas, desde a ascensão de uma perspectiva historiográfica que visou compreender os acontecimentos a partir de uma lógica do não absoluto e da multiplicidade de olhares.

De fato, tal caminho, muitas das vezes tortuoso e repleto de implicações de caráter ideológico, está eivado pela audácia do historiador que almeja dar voz àqueles que muitas das vezes são silenciados por uma escrita deveras objetiva ao mesmo tempo em que se defende das acusações de relativização a partir do discurso das múltiplas verdades históricas. Tal audácia pode ser percebida na perspectiva de Robert Darnton a respeito da prática historiográfica: “O historiador certamente cria vida. Ele insufla vida no barro que escava dos arquivos. Também julga os mortos. (...) O historiador sabe, mas imperfeitamente, por meio de documentos obscuros, e com ajuda da insolência, brincando de ser Deus” (DARNTON, 2005, p. 199-200).

Consideramos tal “insolência” um caminho interessante, apesar de mantermos ressalvas quanto a uma possível exacerbação do relativismo histórico, na medida em que, mesmo adotando a ideia da pluralidade de versões e da subjetividade inerente aos sujeitos históricos (inclusive os historiadores), vemos que, ainda assim, devemos ter certo compromisso metodológico em nosso *métier*.

Para Le Goff (2003) a escrita da história só é possível devido aos vestígios do passado existentes quando do exercício historiográfico. Tais vestígios, porém, não são dados de maneira despreziosa ao historiador, sempre são decorrentes de escolhas, ou dos homens que no decorrer do tempo, por inumeráveis motivos (consciente ou inconscientemente), os preservaram, ou dos historiadores que sempre selecionam alguns destes vestígios em seu ofício. Ao realizarem tais seleções, os historiadores passam a considerar determinados documentos como monumentos.

¹ O termo “história” aqui empregado o é feito no mesmo sentido do utilizado por Michel de Certeau, isto é, “no sentido de historiografia. Quer dizer, entendo por história uma prática (uma disciplina), seu resultado (um discurso) e sua relação” (CERTEAU, 2006, p. 109).

Por sua vez o historiador italiano Carlo Ginzburg propõe uma abordagem crítica do documento enquanto vestígio do passado repleto de intencionalidades e utilização do mesmo pelo poder, denominada pelo autor de “paradigma indiciário”. A tal perspectiva metodológica, Ginzburg faz uma comparação metafórica aos fios de um tapete: “Poderíamos comparar os fios que compõem esta pesquisa aos fios de um tapete. Chegados a este ponto, vemo-los a compor-se numa trama densa e homogênea. A coerência do desenho é verificável percorrendo o tapete com os olhos em várias direções” (GINZBURG, 1989, p. 170). Isto é, uma série de fios - vestígios, sinais, indícios, conforme as próprias terminologias utilizadas pelo autor – comporiam um quadro maior e caberia ao historiador buscar decifrar esses fios finíssimos.

Em outros de seus trabalhos, Carlo Ginzburg retoma essa discussão que compara o trabalho do historiador ao de um detetive/inquisidor (GINZBURG, 1991, p. 9-20) focando nas pequenas evidências. Isto é, diferente de outras disciplinas que buscam a generalização, a História sempre se esforça em perceber o particular, a distinção, a exceção. Mas para isso, o historiador deve lidar com a tarefa de transformação de tais indícios (presentes nos documentos) em monumentos, de modo que não pode perder de vista o alerta dado por Le Goff de que o documento “é um produto da sociedade que o fabricou segundo relações de força que aí detinham poder” (LE GOFF, 2003, p. 536) e que “o documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si própria” (LE GOFF, 2003, p. 538).

Isto é, o historiador tem como instrumentalidade a capacidade (e necessidade contínua) de buscar – de acordo com Ginzburg - como o detetive, solucionar as problemáticas lançadas aos documentos a partir de sinais/vestígios de tal modo a – consoante Le Goff - transformá-los em monumentos, os quais devem ser objeto da crítica do pesquisador por tratar-se de uma produção condicionada.

Se a lógica dos variados olhares e interpretações sobre um mesmo acontecimento são recorrentes nos escritos de historiadores, mostram-se mais latentes ainda no que convencionamos denominar de “calor dos acontecimentos”. Este “calor” é potencializado dependendo do tipo de acontecimento, como por exemplo, um conflito bélico de grandes proporções.

A partir de tal inflexão adentramos de fato na discussão do presente trabalho, isto é, quando falamos de uma guerra levada a cabo no século XIX na América do Sul como o foi a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870), não podemos esquecer que aí

estiveram em jogo aspectos que extrapolaram as características políticas e econômicas, isto é, ante um conflito que colocava em campos antagônicos nações recentemente surgidas, a construção discursiva da nacionalidade, da pátria, do sentimento de pertencimento a um território, foi algo que preencheu ambos os lados da guerra.

Nossa proposta de discussão nas páginas subsequentes tem tal ponto de partida, porém, transita para algo mais restrito que a guerra, ou seja, buscaremos focar um episódio mais específico: a Batalha Naval do Riachuelo. Tal embate, ocorrido entre as forças navais brasileira e paraguaia em 11 de junho de 1865, trouxe numerosos desdobramentos propagandísticos durante a guerra na imprensa paraguaia.

Curiosamente, tal data é comemorada até hoje pela Marinha do Brasil como sua Data Magna e rememorada, ano após ano, como a maior vitória naval brasileira de toda a sua história. Durante o ano de 2015, em especial, uma multiplicidade de eventos foi posta em prática para reafirmar e rememorar os feitos da Esquadra Brasileira ocorridos há 150 anos nas proximidades do pequeno afluente do Rio Paraná chamado Riachuelo.

Foi justamente no bojo dos eventos referentes ao sesquicentenário da Batalha Naval do Riachuelo, promovidos pela Marinha do Brasil, que se originaram as inquietações levantadas por nossa pesquisa. O presente tema surgiu por conta de nossa vinculação institucional à Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, Organização Militar que ficou responsável por uma série de atividades relacionadas à Riachuelo em 2015, tais como, seminários, exposições, palestras, produção de estudos e organização de publicações a respeito da vitória brasileira ocorrida em 11 de junho de 1865.

Porém, nem mesmo uma batalha, acontecimento este, aparentemente, tão singular e objetivo, no qual dois lados se opõem belicamente e que ao final, teoricamente, só há um vencedor, consegue fugir da dinâmica subjetiva das variadas interpretações de um fato.

Quando da consecução dos diversos trabalhos promovidos pela Marinha do Brasil, nos debruçarmos sobre periódicos da época, inclusive jornais que circulavam em Assunção e no *front* paraguaio durante o período da Guerra. Focando nosso olhar especificamente sobre Riachuelo foi possível visualizar a construção de um discurso que, curiosamente, proclamava uma vitória paraguaia naquele famoso 11 de junho de 1865. Logicamente não se pode deixar de ter mente que tais tipos de escrito, por estarem sob controle governamental, possuíam um caráter

de elevação da moral paraguaia a fim de não esmorecer sua população que tinha acesso às informações do campo de batalha por tal meio.

Entretanto, independentemente dessa constatação, é notável como a vitória nessa batalha passou a ser reivindicada por ambos os lados e que a versão da imprensa paraguaia à época, repleta de intencionalidades, pode ser considerada bem construída sobre os fatos que se desenrolaram naquele 11 de junho, se levarmos em consideração que, possivelmente, era a única fonte de informação acessível à grande parte dos leitores paraguaios.

Assim, motivados por tais constructos discursivos destes periódicos no momento da guerra, que palpitam como destituídos de racionalidade aos leitores atuais, os quais veem em Riachuelo uma incontestada vitória brasileira, seguiremos a discussão buscando dar sentido às vozes daqueles sujeitos que produziram tal material. Levaremos, contudo, a noção de que tais discursos não tratavam de reflexos da realidade, mas sim foram forjados por suas interpretações a partir das visões de mundo que cercavam aquelas pessoas, tendo em vista que tais “Relatos jornalísticos (...) transmitem a maneira com que seus contemporâneos interpretavam os acontecimentos e encontravam algum sentido na confusão ruidosa e estonteante do mundo que os cercava” (DARNTON, 2010, p. 140).

Nossa empreitada não se trata apenas de realizar uma abordagem sob o ponto de vista dos vencidos, na medida em que, corroborando das palavras de Arias Neto: “Uma inversão desta natureza ainda implica em uma afirmação infundada: que a história contada do ponto de vista do Paraguai é melhor e mais verdadeira do que a nossa. É claro que esta é uma opção ética e política possível, mas também é historicamente equivocada” (ARIAS NETO, 2015, p. 36). Ou seja, nosso objetivo é perceber de que modo discursos acerca de uma vitória paraguaia em Riachuelo se fizeram possíveis em determinado contexto histórico.

A análise da imprensa paraguaia no período em lide não consiste em uma empreitada original, vários pesquisadores já o fizeram. Porém, ao postarmos nosso olhar sobre um ponto específico da guerra – a Batalha Naval do Riachuelo – trazemos nossa contribuição para um aspecto de tal conflito ainda não trabalhado, isto é, as apropriações de uma batalha considerada tão relevante pela Marinha do Brasil no decorrer de sua história por agentes que desenvolviam a propaganda de guerra promovida por Solano Lopez.

Para tal, traremos no primeiro capítulo uma espécie de balanço historiográfico concernente à Batalha Naval do Riachuelo. Mais uma vez faremos uso de seleções, nesse caso,

optamos pelo uso de trabalhos publicados nas duas últimas décadas, buscando trazer as perspectivas que tais autores brasileiros fizeram a respeito daquele embate, especificamente no que concerne à indicação de um vencedor.

O capítulo seguinte terá na apresentação de três periódicos paraguaios - ‘*Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*’, ‘*El Centinela*’ e ‘*Cabichui*’ - o seu cerne. Apontaremos as principais características de tais periódicos e, em linhas gerais, o modo como a guerra era apresentada pelos articulistas da chamada imprensa de trincheira paraguaia. Cabe mencionar que o acesso a tais fontes foi possibilitado pelo prodigioso trabalho da Biblioteca Nacional do Brasil e da Biblioteca Nacional del Paraguay, ambas as instituições disponibilizaram ao público parte de suas hemerotecas em formato digital em seus sítios eletrônicos. Assim, os periódicos ‘*Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*’ e o ‘*El Centinela*’ foram consultados através da Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional do Brasil) enquanto o ‘*Cabichui*’ chegou até nós através da Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional del Paraguay.

Por fim, o capítulo terceiro discutirá os constructos discursivos a respeito de uma suposta vitória paraguaia na Batalha de 11 de junho de 1865 nos periódicos apresentados no capítulo 2, tanto nos dias imediatamente posteriores ao episódio, como nos aniversários do embate. Buscaremos perscrutar quais circunstâncias forjaram tais tipos de publicações relativas à Batalha de Riachuelo e suas principais características.

A jornada que se segue parte da premissa que a produção e publicação dos três jornais pesquisados teve consciência daquilo que Roger Chartier denomina de “horizonte de expectativa”² do público leitor, ou seja, havia da parte de tais periódicos a tendência a empreender um constante jogo entre as convenções literárias aceitas para seu tipo de texto e os repertórios culturais dos públicos para os quais tais escritos e imagens eram endereçados.

² Tal conceito trata-se de uma elaboração de Hans Robert Jauss, que permite afirmar que: “cada época constitui seus modelos e seus códigos narrativos e que no interior de cada momento existem códigos diversos, segundo os grupos culturais” (CHARTIER, 2011, p. 113).

CAPÍTULO 1: A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.

Eu canto os bravos da brazilea armada
Que de havel-os por prole a pátria exulta.
Por estes negra affronta foi vingada
Em paga dando a vida a gente stulta.
Ainda róla, e desce ensaguentada
Do rio a onda, em cuja riba inculta
Da pugna horrível os destroços restão,
Que o seu valor ao mundo claro, atestão.
(SILVA, 1904, p. 17)

1.1: A Narrativa.

Na manhã do glorioso e para sempre memorável dia 11 de junho de 1865, às 9 horas, anunciaram as vigias terem à vista uma esquadra inimiga, a qual favorecida pela grande correnteza das águas, em poucos minutos passou à nossa frente pela margem opposta, e seguindo águas abaixo fora collocar-se junto da barranca do Riachuelo (SÁ, 1883, p. 5).

As versões brasileiras da Batalha Naval do Riachuelo, formuladas nos últimos cento e cinquenta anos são bem conhecidas no âmbito da historiografia militar brasileira, especialmente dentre aqueles historiadores que compõem os quadros da Marinha do Brasil. De certo modo tais constructos receberam no decorrer destes anos estatuto de “verdade histórica” consolidada através das narrativas que, quase sempre, se complementam e trazem poucas polêmicas a respeito dos acontecimentos desenrolados no Rio Paraná, às proximidades do Arroio Riachuelo, a 11 de junho de 1865.

Apesar disso, optamos neste primeiro capítulo, apresentar de modo sucinto como se constitui a abordagem sobre tal embate na historiografia brasileira. Há de se dizer que diversos foram os autores – historiadores, cronistas, memorialistas, entusiastas do tema – que desde o ano de 1865 publicaram análises da Batalha Naval do Riachuelo, mas que decidimos selecionar textos mais contemporâneos para feição de nosso rápido balanço historiográfico.

Para a constituição de tal historiografia percebe-se que alguns documentos ganharam importância, tais como, os relatórios oficiais do episódio, chamados de “Partes dos navios”, produzidas pelos comandantes das belonaves brasileiras que participaram do embate e foram encaminhadas ao então Visconde de Tamandaré, Comandante-em-Chefe das Forças Navais do

Rio da Prata³. Outro documento considerado de grande relevância é o diário particular do Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva, Comandante da Força Naval Brasileira que combateu os paraguaios em Riachuelo⁴. Por fim, a fim de buscar outras visões acerca daquela batalha, e também da guerra como um todo, alguns historiadores buscaram em escritos de estrangeiros, versões diferenciadas acerca do episódio, fazendo uso dos relatos de Juan Crisóstomo Centurión⁵, George Thompson⁶, Charles Washburn⁷ e Jose Ignacio Garmendia⁸.

A partir da análise de tais documentos, vários historiadores brasileiros chegaram a conclusões similares a respeito do confronto ocorrido naquele mês de junho de 1865 e considerado pela Marinha do Brasil como o principal episódio de sua história naval. Nossa seleção voltou-se, especialmente, para as abordagens dos seguintes autores: Francisco Doratioto (2002), Armando de Senna Bittencourt (2009, p. 253-300), Francisco Eduardo Alves de Almeida (2015, p. 54-73), Hernani Donato (2001), José Miguel Arias Neto (2015, p. 35-53) e Álvaro Pereira do Nascimento (2015, p. 84-95).

Apesar de possuírem problematizações diferentes da Batalha, de modo geral, a descrição factual do desenrolar dos acontecimentos aponta que a Força Naval brasileira que participou do episódio era comandada pelo Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso e compunha-se dos seguintes navios dispostos em duas Divisões: Fragata *Amazonas* (Capitânia), Canhoneira *Parnaíba*, Canhoneira *Iguatemi*, Canhoneira *Araguari*, Canhoneira *Mearim*, Corveta *Jequitinhonha*, Corveta *Beberibe*, Corveta *Belmonte* e Canhoneira *Ipiranga*; cujos comandos estavam distribuídos conforme quadro sinóptico abaixo:

³ Todas as “Partes dos navios” referentes à Batalha Naval do Riachuelo, originalmente em formato manuscrito, foram republicadas recentemente e podem ser consultadas (DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA, 2016, p. 164-193).

⁴ Ibidem, pp. 194-204. Em tal publicação, não consta o diário completo, apenas extratos referentes ao mês de junho de 1865.

⁵ Oficial do exército paraguaio que lutou na guerra contra a Tríplice Aliança e que entre 1894 e 1897 publicou em Buenos Aires, em quatro tomos, suas memórias acerca do conflito intituladas de “*Memorias o reminiscencias historicas sobre la guerra del Paraguay*”.

⁶ Engenheiro inglês contratado pelo governo paraguaio. Prestou serviços relacionados a obras para a defesa paraguaia durante a guerra, tendo publicado suas memórias - “*The war in Paraguay: with a historical sketch of the country and its people and notes upon the military engineering of the war*” - em Londres no ano de 1869.

⁷ Embaixador norte-americano no Paraguai até o ano de 1868. Publicou, em dois volumes, no ano de 1871, uma história do Paraguai contendo reminiscências do período em que esteve naquele país. (“*The history of Paraguay, with notes of personal observations and reminiscences of diplomacy under difficulties*”).

⁸ Oficial do exército argentino durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, escreveu diversas obras de reminiscências acerca do conflito, além de ter produzidos várias aquarelas retratando o conflito.

Quadro 1: Força Naval Brasileira sob o Comando do Chefe de Divisão Francisco Manuel Barroso da Silva que tomou parte da Batalha Naval do Riachuelo.

| Navio | Comandante | Canhões |
|------------------------------|--|----------------|
| Fragata <i>Amazonas</i> | Capitão de Fragata Theotonio Raymundo de Brito | 6 |
| Canhoneira <i>Parnaíba</i> | Capitão-Tenente Aurélio Gracindo Fernandes de Sá | 7 |
| Canhoneira <i>Iguatemi</i> | Primeiro-Tenente Justino José de Macedo Coimbra | 5 |
| Canhoneira <i>Araguari</i> | Primeiro-Tenente Antônio Luiz von Hoonholtz | 4 |
| Canhoneira <i>Mearim</i> | Primeiro-Tenente Elizário José Barbosa | 7 |
| Corveta <i>Jequitinhonha</i> | Capitão-Tenente Joaquim José Pinto | 8 |
| Corveta <i>Beberibe</i> | Capitão-Tenente Bonifácio Joaquim de Santana | 7 |
| Corveta <i>Belmonte</i> | Primeiro-Tenente Joaquim Francisco de Abreu | 8 |
| Canhoneira <i>Ipiranga</i> | Tenente Álvaro Augusto de Carvalho | 7 |

Antes do embate em Riachuelo a ação principal da Esquadra brasileira consistia em transportar tropas da Tríplice Aliança e bloquear as vias fluviais que davam acesso ao Paraguai impedindo o apoio proveniente do exterior aos paraguaios, tendo em vista que tal nação não possuía saída para o mar.

No dia 25 de maio, a Força Naval comandada por Barroso apoiou o ataque à cidade argentina de Corrientes, que se encontrava sob ocupação paraguaia, com o desembarque de tropas aliadas. Apesar do ataque bem sucedido, no dia seguinte, as tropas paraguaias conseguiram reocupar a cidade, fazendo com que a Esquadra Brasileira recuasse e fundeasse a poucos quilômetros ao sul de Corrientes. Ante a ameaça que representava a presença da força naval brasileira, Francisco Solano López, que se encontrava em Humaitá, articulou o plano para neutralizar o inimigo determinando um ataque da Esquadra paraguaia aos navios brasileiros.

Consoante Bittencourt:

Os preparativos para o ataque aos navios brasileiros foram realizados sob a orientação direta do próprio López. O plano consistia em surpreender os navios brasileiros fundeados, abordá-los e, após a vitória, rebocá-los para Humaitá. Por isso, os navios paraguaios estavam superlotados com tropas.

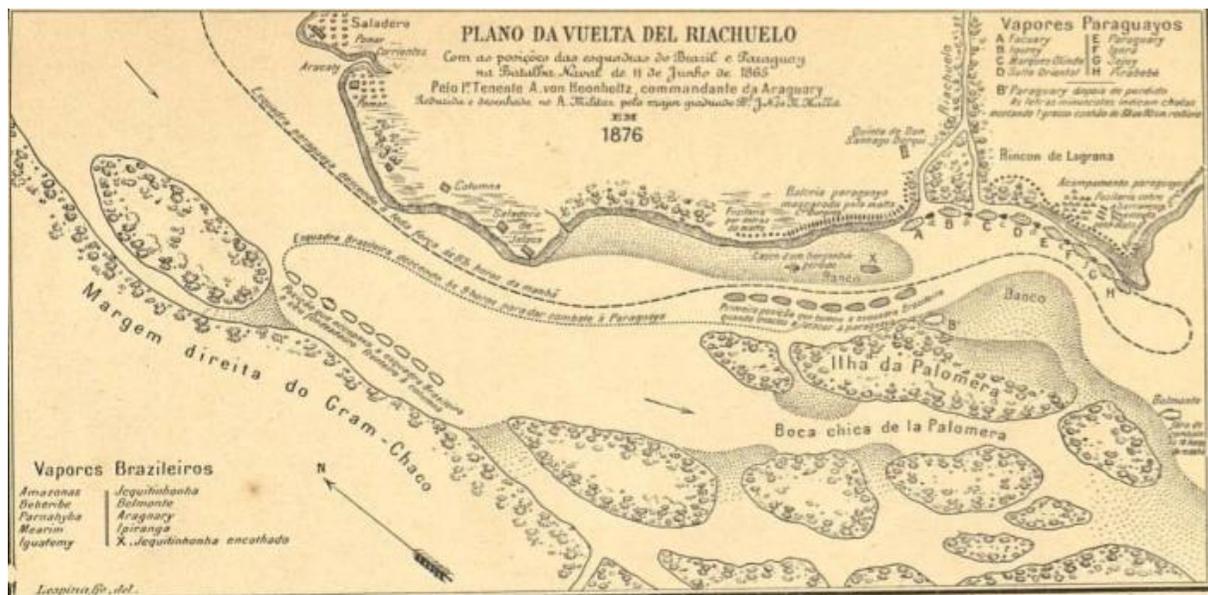
Tirando o máximo proveito do terreno ao longo do Rio Paraná, ele mandou, também, assentar canhões nas barrancas da Ponta de Santa Catalina, que fica imediatamente antes

da foz do Riachuelo, e reforçar com tropas de infantaria o Rincão de Lagraña, que lhe fica rio abaixo.

Da extremidade Sul do Rincão de Lagraña, que tem uma barranca mais elevada, os paraguaios podiam atirar, de cima, sobre os conveses dos navios brasileiros que escapassem, descendo o Paraná. O local era perfeito para uma armadilha, pois o canal navegável era estreito e tortuoso, com risco de encalhe em bancos submersos, o que forçava as embarcações a passarem próximo à margem esquerda (BITTENCOURT, 2006, p. 109).

Comandada pelo Capitão de Fragata Pedro Ignacio Meza, a Força Naval paraguaia que participou da Batalha era composta por oito navios⁹ e seis chatas artilhadas¹⁰ e durante o confronto recebeu apoio das forças de artilharia e de infantaria posicionadas nas barrancas de Santa Catalina e no Rincón de Lagraña, próximas à foz do Riachuelo a cerca de 17 quilômetros ao sul de Corrientes.

Figura 1: Plano da Batalha Naval do Riachuelo pelo Primeiro-Tenente Antonio Luiz von Hoonholtz, Comandante da Canhoneira *Araguari*



FONTE: (HOONHOLTZ, 1911, p. 14).

⁹ Com exceção do Navio Capitânia, a Canhoneira *Taquari*, os demais navios que compunham a Força Naval do Comandante Meza eram navios mercantes que haviam sido adaptados, a saber: *Pirabebe*, *Igurei*, *Iporá*, *Jejuí*, *Salto Oriental*, *Marquês de Olinda* e *Paraguari*. Apesar disso, as embarcações paraguaias eram mais apropriadas para a navegação fluvial possuindo um calado menor, além de serem pilotadas por pessoal com mais experiência de navegação da região.

¹⁰ “Elas eram embarcações de pequeno tamanho, que variavam entre quinze e quarenta metros e não possuíam remos, velas ou qualquer outro mecanismo propulsor, e eram rebocadas até o local em que atuavam, onde permaneceriam ancoradas. As chatas possuíam fundo chato e um perfil baixo, praticamente ao nível da água, ficando visível apenas a boca de seu único canhão” (DORATIOTO, 2002, p. 146-147).

O que se segue é reiterado pelos vários autores que se ocuparam em descrever as minúcias do embate, dos quais tomarei a liberdade de fazer uma breve sinopse:

(1) Os navios brasileiros descem o Rio Paraná em perseguição à esquadra inimiga, avistando-os parados próximos a foz do Riachuelo;

(2) Por desconhecimento das forças de artilharia e infantaria dispostas nas margens, o Almirante Barroso deteve a Fragata *Amazonas* visando impedir uma possível fuga dos paraguaios no sentido norte;

(3) Tal manobra, não foi bem compreendida por todos os navios brasileiros, e fez que alguns deles retrocedessem enquanto outros continuaram avançando, o que provocou o encalhe da Canhoneira *Jequitinhonha* defronte às baterias de artilharia de Santa Catalina, passando a receber ferrenho ataque inimigo;

(4) O primeiro navio da linha de combate brasileira, a Canhoneira *Belmonte*, avançou e passou sozinho por Riachuelo, sofrendo o ataque concentrado do inimigo. Por tal razão a *Belmonte* ficou bastante avariada e optou por um encalhe proposital em um banco de ilhas afastado do local dos combates;

(5) A Canhoneira *Parnaíba* acabou tendo seu leme avariado ficando para trás enquanto os demais navios brasileiros (inclusive a *Amazonas* que novamente tomou a frente da linha de combate) desciam o rio e ultrapassavam Riachuelo. Por tal motivo, a *Parnaíba* foi o navio que mais sofreu com o assédio inimigo, pois sozinho teve que suportar a abordagem da parte de três belonaves sem ter possibilidade de manobra para fuga;

(6) Após estar fora de perigo, o Almirante Barroso determinou o retorno à Riachuelo dos seis navios brasileiros que haviam conseguido escapar da armadilha paraguaia. Novamente diante do inimigo, os brasileiros fizeram uso do grande porte da Fragata *Amazonas* utilizando a tática do abalroamento, a qual se mostrou bem sucedida ao inutilizar três navios paraguaios¹¹. Um dos navios¹² que abordavam a *Parnaíba* já havia sido inutilizado pela canhoneira brasileira; e

(7) As chatas paraguaias foram inutilizadas ou capturadas. Por sua vez, quatro¹³ navios paraguaios bateram em retirada subindo o rio tendo em seu encalço a Canhoneira

¹¹ *Jejuí, Marquês de Olinda e Salto.*

¹² *Paraguari.*

¹³ *Taquari, Igurei, Pirabebe e Iporá.* Tais embarcações retornaram à Humaitá levando, a bordo da *Taquari*, o Comandante Meza que não resistiu aos ferimentos sofridos durante a Batalha vindo a falecer poucos dias depois. Apesar do êxito na retirada de metade dos navios paraguaios, estudiosos concordam que as péssimas condições em que ficaram tais embarcações, somadas ao emprego de belonaves mais poderosas por parte dos brasileiros (monitores

Araguari e a Corveta *Beberibe*, que cessaram a perseguição ao escurecer devido ao risco de encalhe em águas paraguaias.

Em linhas gerais, embasadas pela documentação e formuladas com esmerado cuidado metodológico, as narrativas a respeito da batalha por parte da historiografia brasileira segue o mesmo roteiro acima apresentado apontando que tal desfecho constituiu uma incontestável vitória da Marinha Imperial Brasileira sobre a força naval paraguaia, conforme demonstraremos a seguir.

1.2: A “incontestável” vitória brasileira.

Riachuelo não foi somente a victoria da civilização espancando as trevas da barbaria; da liberdade esmagando o dragão do despotismo; do direito apontando o caminho recto da justiça. Riachuelo significa muito mais do que isso. Riachuelo é o triumpho esplendido e celeste da mais santa das causas, a da justiça de Deos (FONSECA, 1883, p. 188).

Publicadas no ano de 1883 pelo Chefe de Divisão Ignacio Joaquim da Fonseca, as palavras acima fazem parte de seu estudo a respeito da Batalha Naval do Riachuelo. Conforme este autor, Riachuelo constituía-se como a maior glória da Marinha Imperial, cuja espetacular vitória, além de ter servido na luta contra o tirano governante do Paraguai, também cumpria a justiça divina. Assim, sendo instrumento de Deus, a vitória brasileira foi absoluta, inequívoca e sem espaço para contestações.

Tal perspectiva da ação divina já não mais sustenta os argumentos historiográficos dos estudiosos que se empenham em abordar os aspectos referentes a tal episódio da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, assim como o rigor metodológico de que se revestiu o trabalho dos historiadores desde a publicação do “Estudo” de 1883 modificaram radicalmente a maneira de perceber Riachuelo, deixando de lado a visão de exultação acrítica dos acontecimentos. No entanto, algumas assertivas de Fonseca permaneceram como senso comum¹⁴

encouraçados) redundou em um uso basicamente logístico da remanescente esquadra paraguaia. Paolini e Iricíbar afirmam que: “*Al otro dia [12 de junho] los buques paraguayos llegaron a Humaitá. Tenían las chimeneas medio arrancadas y mutiladas, los cascos ennegrecidos y agujereados en muchos puntos, y los cañones desmontados. Los heridos eran numerosos y los del Ygurei tenían el rostro y las manos quemadas por el agua hirviendo*” (PAOLINI & IRICÍBAR, 2008, p. 409).

¹⁴ O termo “senso comum” aqui é inserido no mesmo sentido dado por Clifford Geertz, que o percebe como algo tão embutido em algumas práticas que passa deveras despercebido no cotidiano, não havendo reflexão sobre estas práticas, pois elas se enquadram em um universo de “coisas que são consideradas certas e inegáveis, um catálogo de realidades básicas da natureza” (GEERTZ, 1997, p. 114).

no decorrer das décadas, por exemplo, a espetacular e indubitável vitória da força naval brasileira sobre as forças paraguaias.

Alves de Almeida considera que naquele domingo de junho de 1865, ocorreu “uma vitória incontestável da Armada Imperial brasileira” (ALMEIDA, 2015, p. 54), afirmando em outro de seus trabalhos que “A derrota [brasileira] quase certa transformou-se em vitória definitiva” (ALMEIDA, 2006, p. 81); estando de acordo com tal pesquisador a maior parte dos historiadores brasileiros que se debruçaram sobre o tema¹⁵, de modo que as conclusões a esse respeito são bastante similares.

Não adentraremos nos detalhes que envolvem as discussões sobre a Batalha, apenas cabe mencionar que na historiografia brasileira que trata do tema, o desfecho do embate é apontado como favorável à Esquadra Imperial que, devido a uma manobra ousada de abalroamento arquitetada por Barroso fazendo uso da *Amazonas*, destruiu-se quase que totalmente a Força Naval Paraguaia, garantindo o bloqueio fluvial e modificando a partir de então os rumos da guerra, já que os paraguaios, sem a possibilidade de uso dos rios, retraiu-se de modo defensivo.

Bittencourt afirma categoricamente que: “Antes do pôr-do-sol de 11 de junho, a vitória era brasileira. Os quatro navios paraguaios que escaparam, fugindo rio acima, eram o *Taquari*, o *Igurei*, o *Pirabebe* e o *Iporá*” (BITTENCOURT, 2009, p. 287); complementando adiante que, apesar de não ter sido a maior operação naval daquela guerra, tampouco a mais estrategicamente articulada, “Riachuelo, porém, foi uma primeira grande vitória, que marcou uma inversão de expectativas, naqueles tempos difíceis (...) foi uma batalha decisiva” (BITTENCOURT, 2009, p. 291). Ratificando o ponto de vista de tal autor está Armando Vidigal, o qual afirma que Riachuelo fora “uma batalha fluvial de caráter decisivo já que a Esquadra paraguaia foi praticamente dizimada” (VIDIGAL, 2000, p. 149).

Destoando de tal visão que percebe Riachuelo como uma Batalha decisiva está Francisco Doratioto, que não considera o resultado em Riachuelo como de caráter decisivo, na medida em que “as fortalezas inimigas [paraguaias] sobre o rio Paraguai impediram o domínio

¹⁵ Além dos autores já citados, sugerimos a leitura de **NAVIGATOR**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro. Vol. 11 nº 21-22. JUN/DEZ-2015 (Dossiê: 150 anos da Batalha Naval do Riachuelo: Reflexões e abordagens sobre a Guerra da Tríplice Aliança, Partes I e II).

dessa via fluvial pela esquadra brasileira, situação que perdurou até 1868” (DORATIOTO, 2002, p. 150-151)¹⁶.

O ponto de desencontro entre Bittencourt-Vidigal e Doratioto diz respeito ao célebre conceito de “Batalha decisiva” do teórico da guerra Carl von Clausewitz, (em sua famosa obra “Da Guerra”¹⁷), a qual tratar-se-ia de uma batalha cujo resultado seria uma vitória arrasadora e indiscutível de um dos lados, e cujo desfecho seria de vital relevância para a definição do destino da guerra, sendo geralmente favorável a quem venceu a batalha decisiva.

Não obstante, no que diz respeito ao saldo final do embate de 11 de junho de 1865, Doratioto é concordante com relação à vitória da Esquadra brasileira:

A vitória brasileira permitiu, porém, bloquear o contato marítimo do Paraguai com outros países, que inviabilizou a obtenção de armamentos e mercadorias pelo Prata, e ainda, pôs fim ao avanço da coluna invasora de Corrientes. A vitória causou otimismo exagerado no Brasil (DORATIOTO, 2002, p. 151).

Tratando das apropriações da Batalha pela imprensa brasileira entre 1865 e a década de 1910, Arias Neto faz uma constatação deveras relevante:

A batalha naval do Riachuelo é um acontecimento que desafia a imaginação historiográfica entre outras razões pelo fato de que ela se tornou célebre no momento em que aconteceu e não posteriormente. Assim sua fama, por assim dizer produziu-se instantaneamente, transformando-se de imediato em lugar de memória e monumento histórico (ARIAS NETO, 2015, p. 37).

Um fator pouco explorado a respeito do que é considerada a maior glória naval brasileira foi a repercussão gerada no universo paraguaio. Doratioto afirma que houve da parte do governo paraguaio uma clara ação no sentido de obscurecer à população de seu país os desastrosos resultados daquele 11 de junho: “O governo paraguaio procurou esconder da população a extensão da derrota sofrida na Batalha do Riachuelo, e sequer liberou lista com os nomes dos mortos e feridos” (DORATIOTO, 2002, p. 152).

¹⁶ Apesar disso, em outro trabalho, Doratioto atribui maior relevância aos resultados da Batalha: “O poderio naval brasileiro se impôs, definitivamente, em 11 de junho de 1865, quando a improvisada Marinha de Guerra paraguaia foi praticamente destruída na batalha travada no rio Paraná, próximo à foz do Riachuelo. Desde então, o Paraguai ficou submetido a eficiente bloqueio, impedido de receber armamento e munição pelo Prata e fazer comércio externo, exceto por precários contatos através da Bolívia” (DORATIOTO, 2006, p. 259-260).

¹⁷ Disponível em <<https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>>. Acesso em: 12 de jan. de 2017.

Não obstante tal constatação relativa à documentação oficial paraguaia, quando nos debruçamos sobre a imprensa paraguaia do período da guerra, não se percebe uma tentativa de ocultação dos episódios decorridos na Batalha de Riachuelo, pelo contrário o que se esboça é uma versão extremamente destoante dos relatos encaminhados ao Brasil pelos combatentes brasileiros.

Por tal razão, a visão uníssona e inequívoca da vitória brasileira nem sempre foi a única versão acerca da Batalha Naval do Riachuelo. Logo após a Batalha e nos quatro anos que se seguiram, quem tivesse acesso às informações sobre aquele embate tão somente a partir dos periódicos que eram impressos em Assunção, Paso Pucú, San Fernando e Peripebuí, teria certeza que o resultado havia sido outro. A vitória da monumental batalha no Rio Paraná, de acordo com os órgãos de comunicação impressa daquele país teria sido das forças paraguaias, que apesar de terem sofrido pesadas perdas, teriam posto a força naval brasileira em fuga. Isto é, através da imprensa, que era totalmente ligada ao governo paraguaio, a derrota em Riachuelo transformou-se em uma gloriosa e sangrenta vitória.

Curiosamente, a Batalha Naval do Riachuelo também obteve “fama” no meio paraguaio nos dias que se seguiram o famoso embate. Conforme apontaremos nos próximos capítulos, Riachuelo teve no chamado “*Periodismo de trincheira*” paraguaio sua constituição como monumento histórico similar ao que ocorreu no Brasil no estatuto épico, heroico, grandioso, singular, porém com uma radical diferença: a propaganda de guerra na imprensa do Paraguai apontava outro vencedor, isto é, ao invés dos heroicos combatentes brasileiros comandados por Barroso, a imprensa paraguaia apontaria com recorrência, entre os anos de 1865 a 1869, a vitória das forças guaranis naquela famosa batalha naval.

O termo imprensa de trincheira é empregado para descrever as características que tomaram os jornais paraguaios durante a guerra devido ao seu forte teor propagandístico relacionado ao conflito sempre tendendo a exultar os feitos das forças paraguaias e ridicularizar os inimigos. Bernardo Farina considera que a imprensa paraguaia do período da guerra tornou-se uma espécie de instrumento do governo de Lopez no esforço de guerra na medida em que:

las publicaciones impresas que en forma periódica aparecieron en nuestro país desde antes y, sobre todo, durante la contienda que enfrentó al Paraguay contra la tríplice conformada por el Brasil, la Argentina y el Uruguay (...)se convirtió, por la necesidad acuciante de mantener la moral de los combatientes de López, en arma dialéctica contra

el invasor y en instrumento de auto exaltación de los atributos de heroísmo de las tropas paraguayas. (FARINA, 2013)

Nossa pesquisa não tem por finalidade discorrer a respeito de qual versão seria a mais verossímil. Não temos por pretensão apresentar uma “outra versão” de Riachuelo, uma revisão historiográfica sob a óptica dos vencidos, tampouco apresentar “os fatos como verdadeiramente ocorreram”; ao invés disso, nossa metodologia toma de empréstimo a empregada por Robert Darnton quando este historiador estudou o relato de um burguês anônimo, habitante de Montpellier, que descreveu sua cidade no ano de 1768. Analisando as diversas e fascinantes nuances deste texto de 426 páginas intitulado de “*Etat et description de la ville de Montpellier fait em 1768*”, Darnton arremata que “Nossa tarefa não é descobrir qual o verdadeiro aspecto de Montpellier em 1768, mas entender como nosso observador a observou” (DARNTON, 2006, p. 144).

Ou seja, tomando a liberdade de parafrasear Darnton, postamos como nossa tarefa na presente pesquisa, não descobrir qual seria o verdadeiro relato a respeito da Batalha Naval do Riachuelo, mas entender como uma apropriação foi feita pela imprensa paraguaia durante o conflito com intenções voltadas ao esforço de guerra, criando, de tal modo, uma outra “verdade”.

Darnton também nos indica, de maneira complementar, o modo como lidaremos com a documentação nos capítulos seguintes: “Jornais devem ser lidos em busca de informações a respeito de como os acontecimentos eram interpretados pelas pessoas da época, em vez de representarem fontes confiáveis dos acontecimentos em si” (DARNTON, 2010, p. 45). Isto é, nosso enfoque se voltará à imprensa de trincheira paraguaia não como relatos fidedignos dos acontecimentos e sim como aqueles que vivenciaram aquele período no Paraguai interpretavam e faziam uso, de acordo com os mais variados interesses, dos principais episódios da sangrenta guerra que então enfrentavam, especificamente da Batalha Naval do Riachuelo.

No entanto, antes de abordarmos os constructos discursivos da imprensa paraguaia que se dedicou ao tema no “calor dos acontecimentos”, iremos nos debruçar no próximo capítulo acerca dos três periódicos por nós estudados, a saber: ‘*El Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*’, ‘*El Centinela*’ e ‘*Cabichuí*’. Tais publicações foram utilizadas pelos paraguaios como instrumento de extrema relevância bélica no nível de propaganda de guerra voltada à elevação da moral das tropas e da população civil daquele país.

CAPÍTULO 2: A IMPRENSA DE TRINCHEIRA PARAGUAIA.

Antes de abordar de que modo houve a apropriação da Batalha Naval do Riachuelo pela imprensa paraguaia durante o conflito, o presente capítulo propõe-se a fazer uma breve apresentação dos três periódicos analisados.

2.1: *Semanario*: a Imprensa Oficial.

Insertarémos también todas las disposiciones a que el Supremo Gobierno quiera dar publicidad; y no omitiremos insertar las noticias políticas, que encontremos en los papeles públicos que nos lleguen, y los artículos que esos papeles contengan relativos al Paraguay, ó que toquen sus intereses (SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS UTILES, Assunção, 21 de maio de 1853).

O “*Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles*” – que a partir de agora passaremos a chamar somente de *Semanario* – teve seu primeiro número lançado em 21 de maio de 1853 e cessou no início de 1869 quando as tropas aliadas tomaram Assunção. Tal periódico foi, durante mais de uma década, o único a circular no Paraguai de maneira ininterrupta¹⁸, até que em meados de 1867 o governo paraguaio incentivou o surgimento de outros periódicos a fim de contribuir com o esforço de guerra.

Como o próprio nome já indicava, sua publicação era semanal (aos sábados) e seu lema, disposto no cabeçalho, era “¡Viva la Republica del Paraguay!”. O *Semanario* era totalmente vinculado ao Estado e sua impressão era viabilizada pela *Imprenta del Estado*. Além disso, em seu editorial o então presidente, Carlos Antonio López, era apontado como diretor do periódico, de modo que, a missão básica do *Semanario* era de explicar a seus leitores a orientação política do governo de Carlos López e as ações do Estado, funcionando como uma folha oficial. O conteúdo dos primeiros números da folha já deixa esse perfil bastante claro aos leitores ao trazer, dentre seus assuntos, uma espécie de resposta a um periódico de Corrientes acerca da livre navegação dos rios da região e também publicar os decretos presidenciais. Outros temas também

¹⁸ Outros periódicos existentes no Paraguai na década de 1850 foram o ‘*Eco del Paraguay*’, publicado em Assunção e que durou apenas dois anos (1855-1857); ‘*El Grito Paraguayo*’ (1858-1859); e ‘*El Paraguayo Independiente*’, também publicado na capital paraguaia, mas que teve uma vida mais longa (1845-1852). ‘*El Paraguayo Independiente*’, é uma espécie de predecessor do *Semanario*, e possuía pontos em comum com este, pois também era publicado pela *Imprenta del Estado* e seu principal redator era o presidente da república Carlos López.

circularam nas páginas do periódico em seus primeiros anos, tais como crônicas de arte e críticas de teatro, além de publicações de folhetins.

Figura 2: Reprodução da capa do primeiro número do “*Semanario*”.



FONTE: Hemeroteca Digital Brasileira.

Havia um rígido controle por parte do Estado a fim de impedir a circulação de jornais que porventura pudessem trazer críticas às ações governamentais, daí a hegemonia do *Semanario* por mais de uma década. A legislação que propiciou a tal periódico o monopólio da imprensa foi o Decreto presidencial de 1º de agosto de 1855 que tratava acerca do “*uso de la prensa*”, a qual foi levada ao público pelo próprio *Semanario*. O primeiro artigo dava a entender um esboço de liberdade de imprensa e opinião, no qual qualquer cidadão paraguaio poderia, sem censura, realizar denúncias e críticas aos funcionários públicos:

Capítulo I.

Art. 1º Todo Ciudadano de la República que tenga espedito el uso de sus derechos civiles, es decir, que sea persona autorizada para contratar válidamente según las leyes, tiene derecho para publicar por la prensa, sus ideas, y opiniones: puede denunciar, y

censurar por el mismo medio las omisiones en que incurran, ó las faltas y abusos que cometan los funcionarios públicos, en el desempeño de sus funciones, sin previa censura (SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 04 de agosto de 1855).

Contudo, os outros dispositivos legais presentes no mesmo decreto, tornavam o alcance do primeiro artigo deveras diminuto, na medida em que impunha uma série de restrições à suposta liberdade “*para publicar por la prensa, sus ideas, y opiniones*”:

2º Queda prohibida toda publicación clandestina y anónima, bajo las penas que establece el presente decreto.

3º Toda publicación pedida, á uno de los periódicos de la Capital, llevará la firma de su autor.

(...)

Capitulo II.

De los delitos que se cometen abusando de la Prensa

(...)

Art. 2º Comete delito contra el Gefe Supremo de la Republica el que por un escrito, estampa, ó figura, deprime de algún modo, ó bajo cualquiera forma, la persona, dignidad y prerrogativas del Gefe Supremo.

(...)

Art. 4º Comete delito contra el orden público, el que publica opiniones, máximas, ó doctrinas, que pueden perturbar la tranquilidad del Estado; el que concita los obreros, jornaleros y pobres contra la clase mas acomodada y rica; el que provoca la desobediencia á las leyes, y á las autoridades.¹⁹

A suposta liberdade de imprensa contida no artigo 1º era tolhida pelo restante do decreto, que estabelecia uma série de delitos de abuso de uso da imprensa, os quais poderiam ser interpretados de modo bastante subjetivo, isto é, a publicação de uma crítica a determinado ato presidencial corria o risco de enquadrar-se em delito contra “*el Gefe Supremo*”. Tais delitos eram punidos com multa de 50 a 500 pesos e prisão de um a seis meses, dependendo da gravidade do “*abuso de la prensa*”.

Inegavelmente tal dispositivo legal muito contribuiu para o não florescimento de outros periódicos no Paraguai, com exceção do *Semanário*. Nos anos que antecederam a Guerra da Tríplice Aliança, não houve por parte do governo paraguaio interesse algum no incentivo a outro órgão de imprensa. Com a morte de Carlos Lopez em setembro de 1862, após quase 20 anos no cargo de presidente da República, seu sucessor e filho Francisco Solano Lopez deu

¹⁹ Além dos delitos contra o Chefe Supremo do Estado e contra a ordem pública apresentadas na citação, o decreto também postava os possíveis delitos contra: a segurança da República (art. 3º); a sociedade e a moral pública (art. 5º); a religião (art. 6º); as autoridades públicas e juízes (art. 7º); os soberanos ou chefes supremos das nações estrangeiras (art. 8º); os particulares (art. 9º).

continuidade à publicação do *Semanario* enquanto órgão da imprensa oficial. Solano López que ocupava o cargo de vice-presidente da república desde 1854, tem sua nomeação pelo Congresso Nacional ao cargo máximo assim noticiada:

Saludamos cordial y respetuosamente al Exmo. Señor Brigadier General Ciudadano Francisco Solano Lopez, que ha sido la persona unánimemente aclamada para el desempeño de este delicado cargo y felicitamos al Soberano Congreso Nacional por el acierto que la tenido en esta elección. Le felicitamos, repetimos, por haber comprendido que este benemérito ciudadano, es el único que reviste hoy las cualidades necesarias para elevar al país á su merecida preponderancia (SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 18 de outubro de 1862).

Pouco mais de dois anos depois, as hostilidades entre Paraguai e Brasil deram início aos confrontos bélicos. O *Semanario*, mantendo sua posição de imprensa do Estado volta suas atenções ao principal interesse do governo paraguaio naquele momento, isto é, a guerra contra o Império do Brasil. Seu primeiro número do ano de 1865 orbita em torno de dois grandes temas: sendo o primeiro as motivações da guerra, as quais seriam uma reação de defesa à “*El exeso de tirania del Imperio [do Brasil] para com sus vecinos inofensivos [uma alusão à intervenção brasileira no Uruguai] (...) Así el Imperio se declara enemigo del Paraguay y lo arrastra al terreno de la lucha*” (*SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES*, Assunção, 07 de janeiro de 1865); e o segundo tema a exultação diante das vitórias paraguaias alcançadas em Forte Coimbra, Miranda e Dourados.

O foco na guerra se consolidaria com a exacerbação do conflito após a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança (maio de 1865), de modo que o *Semanario* concentrou-se quase que totalmente a ser um instrumento do governo para justificar a necessidade do combate enquanto ato de defesa da soberania paraguaia diante dos excessos expansionistas do Império do Brasil, bem como divulgando os feitos paraguaios no campo de batalha que agora contava com dois novos inimigos.

No Brasil²⁰, no findar de 1866, o periódico ‘Semana Ilustrada’ faria menção ao *Semanario* utilizando um tom repleto de sarcasmo e ironia:

²⁰ Isso não significa que no Brasil se tomou conhecimento do *Semanario* apenas quando da eclosão da guerra, pelo contrário, já na década de 1850 e primeira metade da de 1860, o periódico paraguaio era citado na imprensa brasileira para noticiar assuntos relacionados àquela nação, especialmente, no que dizia respeito a decisões governamentais, haja vista que o mesmo servia como imprensa oficial.

Conhecem o *Semanario* de Assumpção? É uma folha interessante e digna de leitura. Quando se lê as suas paginas parece que a liberdade exilada do resto do mundo foi refugiar-se no Paraguay.

Que é o exercito? Um punhado de heroes, cheios de amor a Patria, valentes como uns Napoleões, tragando a todo momento o exercito invasor.

Que é Lopez? Um chefe liberal e progressista, um ente querido do povo, o palladio da liberdade, paraguaya, o sol, a lua, as estrellas, tudo o quanto o Paraguay póde sonhar de mais bello e mais santo (SEMANA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1866).

A partir de 1867, o presidente Francisco Solano López, incentivou o surgimento de outros periódicos a fim de também servirem como porta-vozes do governo com relação à elevação da moral da população e das tropas. Desta leva surgiram os jornais: *Cabichuí* (1867-1868), *El Centinela* (1867-1868), *Cacique Lambaré* (1867-1868) e *La Estrella* (1869)²¹. Algumas dessas publicações traziam matérias no idioma guarani, vastamente utilizado no Paraguai à época, enquanto que o *Cacique Lambaré* era quase que totalmente publicado neste idioma²².

A respeito do surgimento destes diversos periódicos, Juan Crisóstomo Centurión, militar paraguaio que tomou parte da guerra e que teve participação efetiva como redator e colaborador de várias destas publicações, assim os apresentam em suas memórias:

*El Mariscal López empleaba todos los medios á su alcance para fortalecer el espíritu y mejorar en lo posible la moral del ejército. A este fin, á más del **Semanario**, que no solo registraba en sus columnas los sucesos de la guerra, sino que hacía una propaganda tenaz contra los aliados en el sentido de desacreditar su causa ante la opinión, mandó fundar un periodiquín llamado **El Centinela**, (...) y otro llamado el **Lambaré**, que se redactaba en guaraní (...) Estos dos periódicos veían la luz en la capital, y se distribuían profusamente en la campaña y en el ejército. En Paso Pucú se estableció una imprenta, y por indicación del Mariscal se fundó un periódico satírico de caricaturas. El que escribe estas memorias fue encargado de la dirección e redacción del mismo (...) fue aceptada a la idea mía de que fuese llamado **Cabichuí** (CENTURION, 1894, p. 320-321)²³.*

²¹ Seu primeiro número foi lançado em 24 de fevereiro de 1869. Também era publicado pela Imprensa Nacional, mas agora na cidade de Piribebuí transformada em capital do Paraguai por Solano Lopez, já que Assunção havia sido tomada pelas forças da Tríplice Aliança em janeiro daquele ano.

²² O ‘*Cacique Lambaré*’, que tempos depois adotou apenas o título de ‘*Lambaré*’, surgiu em julho de 1867, fazendo alusão a um chefe indígena que lutara contra os invasores espanhóis. O uso do guarani predominou em tal periódico, onde ocasionalmente apareciam palavras em espanhol. Conforme a historiadora Maria Johansson, o uso do guarani pelo *Cacique Lambaré* era direcionado aos soldados e tinha diversas motivações além do fato de ser um idioma deveras utilizado no Paraguai, tais como: “*la lengua fue el nexo que permitió establecer una conexión entre las hazañas guerreras de antaño y el contexto de guerra, construyendo una filiación genealógica con “la raza guarani, esa raza de primitivos guerreros” (...) En el nuevo contexto que emergía con la guerra se sintió la necesidad de buscar anclaje en el pasado*” (JOHANSSON, 2015, p. 522-523).

²³ Grifos do original.

Ao abordar a campanha de propaganda levada a cabo pelo Paraguai durante a guerra, a historiadora argentina Maria Lucrecia Johansson nos indica que:

Desde el comienzo de las hostilidades, la prensa de los países beligerantes se dedicó a tratar ampliamente el conflicto. En el caso del Paraguay, inmerso en un contexto de guerra total, el gobierno inició una campaña de propaganda que consistió en la diseminación de ideas tendientes a inducir determinados comportamientos. (...) como bien sostiene Jean-Marie Domenach, a partir del siglo XVIII la propaganda se convirtió en un auxiliar de las estrategias de guerra, que comenzaron a conducirse tanto por las armas como por la ideología. (JOHANSSON, 2015, p. 503).

Consoante Domenach (citado por Johansson), durante a Revolução Francesa ocorreu uma ascensão da propaganda enquanto instrumento de guerra, que foi bastante utilizada em seguida por Napoleão Bonaparte e que encontrou uma potencialização no decorrer do século XIX com a difusão da imprensa e as transformações e surgimentos dos diversos Estados-Nação na Europa e América. Para tal autor, a propaganda converteu-se em um vigoroso instrumento de guerra:

Desde 1791, la ideología se une a las armas en la conducción de las guerras, y la propaganda se convierte en auxiliar de la estrategia. Se trata de crear la cohesión y el entusiasmo en el bando propio, y el desorden y el miedo en el del enemigo. Al abolir cada vez más la distinción entre el frente y la retaguardia, la guerra total ofrece a la propaganda, como campo de acción, no solo los ejércitos, sino las poblaciones civiles, puesto que quizá sea más segura la acción en éstas para mejor afectar a aquéllos, puesto que se puede llegar a sublevar esas poblaciones y hacer surgir en la retaguardia del enemigo nuevos tipos de soldados, hombres, mujeres y niños espías, saboteadores y guerrilleros (DOMENACH, 1968, p. 18).

Mesmo com o surgimento de outros órgãos de imprensa no Paraguai, o *Semanario* manteve certa distinção dos demais periódicos, pois era considerado um jornal mais formal e de linguagem mais rebuscada que seus contemporâneos de guerra. O tom de folha oficial do *Semanario* manteve-se de forma rigorosa, atendo-se a um discurso revestido de seriedade. Tício Escobar afirma que no *Semanario* o “*espíritu oficial, conservador y serio, no podía hablar con naturalidad el lenguaje popular del Ejército ni expresar el sentido del humor, los temores, deseos y fantasías del pueblo combatiente*” (ESCOBAR, 1982, p. 278).

Tal distinção era inclusive desejada pelos outros periódicos que, visando atingir um público leitor diferenciado, isto é, aqueles que lutavam no campo de batalha ou auxiliavam o esforço de guerra na capital, era forjado com uma linguagem muito menos rebuscada, irônica e

cômica. Os companheiros de imprensa do *Semanário* não possuíam mínimos pudores de, em suas páginas, transformar os inimigos do Paraguai em macacos, asnos ou cachorros.

No *Cabichuí*, sobre o qual discorreremos com mais atenção no terceiro tópico do presente capítulo, constantemente os brasileiros eram apresentados como “os negros de Pedro II” e, de maneira iconográfica, as xilogravuras presentes em tal periódico traziam os governantes dos países em guerra com o Paraguai com corpo humano e cabeça de animal: Pedro II como um macaco; Bartolomeu Mitre como um cachorro; e Venâncio Flores como um asno. A esta representação de homens em forma animalesca, Keith Thomas, em sua análise da relação do homem com a natureza entre os séculos XV e XVIII, afirma que neste período foi desenvolvida uma construção discursiva da superioridade humana sobre os demais animais, justificando a dominação dos mesmos. Assim:

Essa insistência tão grande em distinguir o humano do animal também teve consequências importantes para as relações entre os homens. (...) se a essência da humanidade era definida como consistindo em alguma qualidade específica, seguia-se então que qualquer homem que não demonstrasse tal qualidade seria sub-humano ou semi-animal (THOMAS, 2010, p. 55).

(...)

Com efeito, descrever um homem como um bicho era dizer que ele devia ser tratado como tal. (...) para aqueles que cometiam atos atrozes e sanguinários, desumanizar a vítima reclassificando-a como animal era, muitas vezes, uma preliminar mental indispensável (THOMAS, 2010, p. 65).

Figura 3: “La triple alianza contra la virgen de las regiones meridionales”²⁴.



FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai.

Mas a exacerbação do tom racista e da tônica voltada à ridicularização do inimigo, presentes nos periódicos surgidos a partir de 1867, também era presente no *Semanario* que frequentemente atribuía às tropas brasileiras o epíteto de “*los infelices negros de D. Pedro II*” (*SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES*, Assunção, 24 de junho de 1865).

O incentivo e determinação para criação de outros periódicos por parte do governo paraguaio, mesmo que mantivesse o discursivo monolítico devido a imprensa continuar sendo a porta voz de Lopez, possibilitou uma ampliação do público leitor na medida em que a linguagem dos periódicos surgidos, especialmente na guerra e para a guerra, revestiu-se de um teor mais coloquial e menos rebuscado se comparados ao *Semanario*. Havia a necessidade de dar alento e elevar a moral daqueles que se encontravam no campo de batalha, daí o fato de os diversos “periódicos de trincheira” que surgiram a partir de 1867 serem direcionados a um público em especial: os combatentes.

²⁴ Assim o ‘*Cabichuí*’, descreve a imagem publicada em seu primeiro número que alude á Tríplice Aliança: “*Se divide en tres individualidades Pedro II, Mitre e Flores. El gran macaco ostenta su autoridad de Rey e enseña con su enorme cola del escudado Mitre, fiel a su política, y del estúpido Flores, que en verdade su asno de carga*” (CABICHUÍ, Paso Pucú, 13 de maio de 1867).

2.2: *El Centinela*: o soldado de Lopez.

O primogênito dos periódicos de trincheira que viriam surgir em 1867 por incentivo estatal a fim de contribuir com o esforço de guerra através da propaganda foi *El Centinela*, que teve seu primeiro número publicado em 25 de abril de 1867, apresentando-se como um “*Periodico serio-jocoso*”. O nome deste jornal já dava a entender seu posicionamento, ele se propunha a ser mais uma das sentinelas da República do Paraguai, um reforço às forças de Solano Lopes na defesa da nação e assim apresentava-se ao seu chefe supremo: “*El Centinela Exmo. Senõr, es vuestro soldado – Al nacer os presenta sus armas y os bendice*” (*EL CENTINELA*, Assunção, 25 de abril de 1867).

Johansson aponta o universo de assuntos no qual *El Centinela* se concentrou durante sua existência:

Informar a la tropa los episodios de la contienda, defender a la Republica, celebrar las victorias paraguayas, infiltrarse en las filas del enemigo con el fin detenerlo, procurar la risa del soldado para alivianar sus fatigas, observar a los ciudadanos paraguayos y rendir honores al mariscal López (JOHANSSON, 2015, p. 505).

Assim como o *Semanario*, *El Centinela* era publicado pela *Imprenta Nacional* em Assunção com uma periodicidade semanal. Contudo, conforme já dito, a intencionalidade da criação de tal folha, e das demais que surgiram nos meses e anos seguintes, era a de chegar a um público cuja folha oficial nem sempre alcançava, isto é, os elementos das Forças Armadas, especialmente, a sua maior parte que pertencia aos níveis hierárquicos mais baixos.

Conforme André Toral, os combatentes paraguaios eram alfabetizados, bem como grande parte da população por conta do sistema educacional implantando ainda no período do governo de José Rodríguez de Francia nos primeiros anos de independência do país. De modo que, fazendo uso das memórias de Centurión, Toral afirma que:

Os jornais deveriam alcançar todo o povo paraguaio para ter sua eficácia reforçada. Desta maneira, *Cabichuí* e *El Centinela* eram “profusamente distribuídos” entre as tropas combatentes; *Cacique Lambaré*, totalmente ditado em guarani, era destinado ao interior do país, a um público falante de guarani e com rudimentos de espanhol, como boa parte da população paraguaia. (TORAL, 2001, p. 69).

Figura 4: Reprodução da capa do primeiro número de “El Centinela”.



FONTE: Hemeroteca Digital Brasileira.

Uma das novidades trazidas por este periódico de trincheira era a presença de várias xilogravuras em seus números²⁵, tendo sido o primeiro jornal paraguaio a trazer imagens, muitas das quais com forte teor jocoso que apresentavam o inimigo de modo ridicularizado e com um racismo extremamente repetitivo, no qual o termo “negro” sempre surgia como sinônimo pejorativo de homens inferiores e bárbaros. Corriqueiramente as alcunhas atribuídas a seus inimigos brasileiros eram as de “negros”, “macacos”, “*macacones*”, sempre dispostos em uma perspectiva de inferioridade moral e cultural, descritos como incivilizados e covardes, enquanto os paraguaios seriam cultos e bravos.

Percebe-se no *El Centinela*, nas suas diversas formas de escrita – prosa, notícias, crônicas, poemas, cantigas, anedotas, correspondências – uma insistência em reafirmar o prazer

²⁵ Para uma análise da iconografia da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, inclusive a presente nos periódicos paraguaios Cf. TORAL, André Amaral de. Op. cit.

sentido pelos soldados paraguaios ao abater o inimigo brasileiro, cujo sinônimo em tal publicação era “negro”: “*escopeteando negros á las mil maravillas*” (EL CENTINELA, Assunção, 25 de abril de 1867); “*matar negros*”; “*los negros (...) carbonizados bien pueden servir de combustible y tizonel del inferno*” (EL CENTINELA, Assunção, 02 de maio de 1867); “*enseñemos a los negros el poder de Don chicote*” (EL CENTINELA, Assunção, 30 de maio de 1867), “*desalojar la bílis de los negros*” (EL CENTINELA, Assunção, 27 de junho de 1867).

Se no *Cabichuí*, conforme apresentamos no tópico anterior os ilustradores representavam Pedro II enquanto um macaco, no *El Centinela* a dinâmica jocosa era a mesma. Em um dos números são representados em feições simiescas o Imperador brasileiro, o Almirante Marquês de Tamandaré e o Marechal de Campo Polidoro Jordão:

Figura 5: Conferencia secreta (EL CENTINELA, Assunção, 09 de maio de 1867).



FONTE: Hemeroteca Digital Brasileira.

Tal forma de expressão visava claramente incutir em seus leitores uma forma de verem os inimigos como seres animais, cuja morte pelas mãos dos combatentes paraguaios não deveriam instigar sentimentos de culpa ou compaixão. Mas, além disso, essa bestialização caricata do inimigo também visava ser um instrumento de produção do riso. Essa correlação ridículo-riso consiste em uma dinâmica onde “Aviltar, degradar, humilhar pelo riso” (MINOIS, 2003, p. 299) são instrumentos de guerra e, principalmente, de propaganda, a qual, geralmente se mostra eficaz, conforme afirma Domenach:

Ridiculizar al adversario, caricaturizando su estilo y sus argumentaciones o haciéndolo objeto de bromas y de breves historias cómicas (...) los múltiples medios de poner en ridículo a un adversario; aunque con frecuencia groseros, son sin embargo eficaces (DOMENACH, 1968, p. 84).

Descontrair os soldados ao mesmo tempo que se caricaturava os inimigos tornou-se uma das bases do conteúdo do *El Centinela*. A folha era produzida com vias a atingir um público leitor específico: os soldados. De modo que, seu título – *El Centinela* – já denotava tal intento, isto é, identificava-se a um soldado que, apesar de militar em um campo diferente daqueles que se encontravam na linha de batalha, possuía o mesmo objetivo. Assim, o pequeno jornal de quatro folhas era amplamente distribuído nos acampamentos militares paraguaios²⁶.

Juan Emiliano O’Leary, historiador paraguaio nascido em 1879 e grande entusiasta e defensor de Solano Lopez e suas ações durante a guerra, afirma em uma de suas obras que:

La risa ¡Pero si fue una de las más agudas armas que esgrimió nuestro ejército contra el invasor!
(...)
“El Centinela” era (...) periódico satírico y de caricaturas pero escrito generalmente en castellano. Aparecía en Asunción y circulaba también profusamente en el ejército (O’LEARY, 1922, p. 324-325).

Com vias a reforçar ainda mais a identificação buscada para com seu público alvo, o novo recruta impresso paraguaio criou um personagem chamado de “*Centinela D. Mateo Matamoros*”, que dirige o jornal e recebe/produz correspondências (também fictícias) diretamente do campo de batalha, além de escrever poemas em guarani.

Em seu primeiro número Mateo Matamoros assim demonstra sua política editorial:

El orden de las materias será el de un puchero, por que como soldado solo sabe dos cosas: matar negros y hacer su baturrillos.
(...)
La publicación es para el Ejército, y las materias que se tratan, nada tendrán de metafísica – El lenguaje del soldado es llano y sincero. Cada artículo será tan breve como el tarrán-plan del tambor (EL CENTINELA, Assunção, 25 de abril de 1867).

²⁶ O periódico ‘*Revista del Paraguay*’ publicado em Buenos Aires na última década do século XIX, traz em um de seus números um artigo acerca da imprensa paraguaia, transcrevendo trechos de uma obra do historiador argentino Antonio Zinny, que comenta sobre a circulação d’*El Centinela*: “*Este periódico era expresamente para el ejército y se repartía en el campamento para solaz de los soldados (REVISTA DEL PARAGUAY, Buenos Aires, Agosto de 1891, p. 345).*”

Como já se pode perceber a linguagem d’*El Centinela* diferia do *Semanario* e ao utilizar “*expresiones coloquiales o vulgares perseguia el fin de exponer a los lectores lo más claramente posible las opiniones y reflexiones de los periódicos que al gobierno le interesaba consolidar*” (JOHANSSON, 2015, p. 504).

Não obstante, o que poderia subentender uma formação letrada inferior por parte dos redatores e articulistas do *El Centinela* por conta de sua linguagem menos rebuscada, não correspondia à realidade, na medida em que tais funções eram exercidas por homens letrados, muitos com formação na Europa, os quais contribuía para o *Semanario* e, que, em seguida, também escreveriam para os demais periódicos de trincheira fundados no decorrer do conflito. Um exemplo dessa confluência de articulistas nos variados jornais era a direção do novo “soldado” de Lopez, que ficara a cargo do boliviano, exilado no Paraguai, Tristán Roca Suárez²⁷, o qual já tinha ativa participação no *Semanario*. Além disso, pode-se citar Juan Centurión, o qual também contribuía na escrita e direção de vários desses periódicos.

O que se pode perceber de tal constatação era que havia da parte dos grupos letrados pertencentes à imprensa paraguaia a percepção de que os soldados pertenceriam a um grupo social cuja linguagem era rasa, curta e vulgar. Essa generalização atribuída àqueles que se encontravam nos acampamentos e campos de batalha era fruto das representações de tais articulistas, os quais formatavam uma linguagem diferenciada da que costumeiramente faziam uso no *Semanario* com o fim de repassarem a mensagem desejada.

Se o tratamento destinado aos inimigos era sempre desrespeitoso visando alcançar o riso de seus soldados, no outro extremo, *El Centinela*, trazia gravuras que exultavam a República do Paraguai e textos de louvor a seu presidente e comandante, o “*Mariscal López*”. No aniversário de Lopez do ano de 1867, no qual o presidente do Paraguai completou 40 anos de idade, *El Centinela*, que era publicado sempre às quintas-feiras, saiu do prelo para seus leitores no referido dia – 24 de julho, uma quarta-feira – para, desta forma, prestar homenagem ao “*Sol de Julio*”:

*El Centinela saluda el natalicio del Gefe Supremo del Estado.
Esta es la cordial y espresiva ofrenda del soldado que os admira, Padre, y Libertador
del Paraguay.
(...)*

²⁷ Tristan Roca seria executado por fuzilamento no acampamento de San Fernando em 12 de agosto de 1868, acusado de ter se envolvido em uma conspiração contra Solano Lopez.

Del Génio que defiende la Justicia, los fueros de la Patria y Libertad, un himno consagremos este día saludando festivos su natal (EL CENTINELA, Assunção, 24 de julho de 1867).

O assentimento da população quanto ao líder é um elemento fundamental no contexto da propaganda política conforme nos indica Jean-Marie Domenach em obra já citada neste trabalho. No caso paraguaio, relativo à Lopez no contexto da guerra, há uma extrapolação de tal propaganda, a qual se transformou em um culto à personalidade do líder. Tal divinização do governante paraguaio se insere em um contexto em que a imprensa de seu país estava totalmente ao seu serviço – que, aliás, já estava desde o governo de Carlos Lopez -, e os pensamentos discordantes eram passíveis de severa repressão.

A construção mítica acerca dos líderes em uma perspectiva contemporânea remonta a Napoleão Bonaparte, onde o uso da imprensa, e aqui nos referimos não apenas aos periódicos, mas a todos os produtos prensados (jornais, livros, panfletos, libelos, cartazes, etc.), possibilitou uma maximização da exaltação do Chefe com vias a criar um sentimento pleno de aceitação de determinada liderança. O intuito primordial em tal construção da figura do líder através da propaganda visa uma projeção de todas as qualidades desejadas em uma pessoa, a qual é vista, conforme o contexto, como a única qualificada para dirigir os rumos e possibilitar o cumprimento dos desejos de seus liderados.

Lopez então se tornou um ser mitificado pela imprensa de trincheira paraguaia, ele representa em tais periódicos a figura do líder máximo detentor de qualidades antagonicamente complementares: ao mesmo tempo em que é guerreiro também é bondoso para com seu povo; é culto, mas está junto ao povo da mais baixa estirpe; é o “*Gefe supremo*” e defensor da liberdade. Os outros adjetivos que recebe dão pistas quanto aos elementos simbólicos destinados ao culto à personalidade de Solano Lopez: pai, libertador do Paraguai, gênio, defensor da justiça.

Além da palavra impressa, outra forma deveras utilizada no decorrer da história para a mitificação do líder foi o uso da imagem, onde o impacto em nível de percepção que proporciona é extremamente imediato, podendo ser bastante eficaz. As imagens do *El Centinela* também serviram para os propósitos de exaltação do líder paraguaio. Se as representações imagéticas dos inimigos eram caricaturais e depreciativas, a imagem de Lopez sempre possuía tons altivos e repleta de simbolismos e no número 29 da folha ele surge cavalgando de modo imponente, segurando o louro da vitória na mão direita, trajando impecável uniforme militar com

sua espada à esquerda, sua cavalgadura (não menos altiva) pisoteia o inimigo simbolizado nos pavilhões nacionais dos países da Tríplice Aliança e na coroa que representa diretamente o Brasil.

Figura 6: Solano Lopez (*EL CENTINELA*, Assunção, 07 de novembro de 1867).



FONTE: Hemeroteca Digital Brasileira.

Assim, o *Centinela D. Mateo Matamoros*, teve sua tônica composta durante sua existência que durou até fevereiro de 1868, mas não esteve sozinho em sua missão de dar ânimo e prover o governo com sua propaganda laudatória, pois ainda em maio de 1867, surge das prensas do Exército no acampamento de Paso Pucú seu companheiro de trincheira: o *Cabichuí*.

2.3: Cabichuí: a vespa paraguaia.

Durante dos ó tres días fue vivamente discutido el título que debía llevar el dicho periodiquín, así como el dibujo que debía servirle de frontispicio ó portada. Por fin, fue aceptada la idea mía de que fuese llamado Cabichuí, nombre de una avispa negra muy brava, que construye su colmena en los árboles y en los aleros de las casas;

igualmente fue aprobado el dibujo de la portada, consistente en un negro acosado por una multitud de esas avispas (CENTURION, 1894, p. 321).

Figura 7: Reprodução da capa do primeiro número de “Cabichuf”.



FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai.

Uma multidão de vespas nativas do Paraguai acossa um homem negro. Essa é a descrição do frontispício do periódico idealizado no acampamento militar de Paso Pucú²⁸ e que teve seu primeiro número publicado em 13 de maio de 1867. Em todos os seus noventa e cinco números, tal imagem ilustraria a primeira página do jornal considerado o mais relevante dos

²⁸ Situado ao sul da Fortaleza de Humaitá, o acampamento de Paso Pucú foi de 20 de maio de 1866 a 23 de março de 1868 o quartel general do exército paraguaio onde Solano Lopez havia instalado seu posto de comando. Apesar de o termo acampamento denotar certa simplicidade, no local havia várias construções, tais como, as dependências para a tropa, o prédio do comando, a casa de Lopez, um hospital de sangue, uma capela e um cemitério.

periódicos surgidos no Paraguai durante a guerra. Tratava-se de uma clara alegoria, onde as pequenas vespas seriam uma representação dos paraguaios e o homem negro a materialização do inimigo, em especial, o maior dos inimigos, isto é, o Império do Brasil, cujos combatentes na guerra em andamento geralmente eram descritos como negros.

O *Cabichuí* surge com missão similar ao seu irmão mais velho ‘*El Centinela*’ de levar as informações da guerra aos seus compatriotas, especialmente àqueles que se encontravam no teatro de operações, de modo cômico e sempre exaltando os grandes feitos paraguaios no campo de batalha. Também com amparo estatal o novo periódico era produzido nas prensas da *Imprenta del Ejército*. Por tal razão, grande parte de seus colaboradores eram militares, tais como, o já citado Crisóstomo Centurión, o tenente Natalicio Talavera²⁹ e o correntino Victor Silvero; não obstante, civis também escreviam para o *Cabichuí*, como o padre Fidel Maíz.

Juan O’Leary, grande apologista de Solano Lopez durante mais da metade do século XX, aponta com entusiasmo a existência da folha de Paso Pucú durante a guerra:

teníamos un periódico satírico “El Cabichui”, que era el órgano oficial de la alegría de nuestro ejército.

(...)

Aquella pequeña avispa (Cabichui) volaba través del ejército, desatando la hilaridad de nuestras tropas, y cruzando nuestras trincheras, iba a clavar su envenenado agujón en el corazón del enemigo (O’LEARY, 1922, p. 324).

Semelhante ao ‘*El Centinela*’, a “*pequeña avispa*” apresentou-se ao público em seu primeiro número como um soldado, e assim saudava “*al veterano ‘Semenario’ y al recluta Centinela*”:

El ‘Cabichui’ es, pues un soldado, y al presentarse en el palenque del periodismo no viene á buscar la corona que Minerva ofrece á sus aventajados adalides; humilde en sus pretensiones literarias, solo viene empujado por su amor de patria á tomar una plaza para combatir a favor de la idea que ha levantado á toda la República, y á correr tras los laureles que alcanza la decisión en la guerra de los libres contra los esclavos (CABICHUÍ, Paso Pucú, 13 de maio de 1867).

Poucos dias depois, *El Centinela* retribuiria os cumprimentos de seu novo companheiro sem esquecer também do “veterano” *Semanario*, afirmando que tais jornais compunham a nova tríplice aliança:

²⁹ Tavalera é conhecido no Paraguai por seu trabalho como poeta e veio a falecer em 1867 no acampamento de Paso Pucú em decorrência do cólera.

¡Bendito seais, grato y sincero compañero! – El Centinela saluda vuestra aparición y se llena de contento, por que tiene un colaborador más en la lucha á muerte que el Brasil y sus aliados han empeñado contra el Paraguay.

(...)

El Semanario, el Centinela y el bien venido Cabichui entran en la lucha.

(...)

El grave y veterano Semanario está con los cañones de alto calibre, El Centinela maneja la artillería volante y el Cabichui recorre los campamentos y sin cesar hostiliza el enemigo con sus rifles e punzantes agujijones (EL CENTINELA, Assunção, 23 de maio de 1867).

Muitos são os pontos de aproximação do *Cabichuí* e do *El Centinela*, dentre os quais poderíamos citar: o ano de surgimento, o público leitor a que foram destinados, a linguagem coloquial, a presença de imagens, o tom satírico e depreciativo a respeito do inimigo, o fervor nacionalista, a exaltação da figura de Solano Lopez e do soldado paraguaio. Mas além de tais fatores, outro merece destaque, a saber, a forte presença de uma linguagem de teor oral neste tipo de publicação escrita. No *Cabichuí*, tal elemento tem muito mais preponderância e se mostra como algo proposital, na medida em que era produzido com intenções de ter seu conteúdo lido de maneira coletiva, em voz alta, com leitores e ouvintes.

Em artigo intitulado “Palavra além das letras” (MOREL, 2010), Marco Morel aponta os intercâmbios existentes entre a imprensa e a oralidade nos periódicos do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XIX; de modo similar à perspectiva de Morel, guardado o devido distanciamento cronológico e espacial, pode-se perceber também nos jornais paraguaios do período da guerra contra a Tríplice Aliança que havia uma forte imbricação entre a imprensa e as formas de expressão oral. Isso não é tão notável no *Semanario*, mas nos jornais surgidos a partir de 1867 é algo inextrincável. Dentre as variadas gravuras publicadas pelo *Cabichuí*, a que reproduzimos abaixo é deveras significativa a esse respeito, apresentando-se com a legenda “*la lectura del Cabichui*”, pode se perceber um grupo de soldados em um momento de descanso, no qual um deles lê o jornal aos demais que demonstram em suas feições interesse, prazer e descontração:

Figura 8: “La lectura del Cabichuí” (CABICHUÍ, Paso Pucú, 08 de agosto de 1867).



FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai.

Ora, além de ser produzido com uma linguagem que se aproximava deveras da oralidade cotidiana e incentivador da leitura em grupo e em voz alta, o *Cabichuí* visava alcançar o riso de seus leitores/ouvintes através do sarcasmo e depreciação do inimigo. O riso, que poderia parecer um elemento de reduzida importância no grande espectro da guerra, toma outras feições se analisado sob o prisma da história cultural, especialmente quando se constitui em um riso coletivo, similar à ilustração anterior, pois o mesmo pode constituir um sentido de comunidade por parte daqueles que riem junto. Analisando o humor na Alemanha oitocentista, a historiadora Mary Townsend afirma que:

O simples ato de compartilhar o riso era mais importante do que o conteúdo específico ou impacto imediato de qualquer piada ou caricatura. Rir junto significava participar de uma cultura comum, uma forma de comunicação sobre assuntos de interesse mútuo. (...) O humor popular estabelecia um sentido de comunidade entre os participantes (TOWNSEND, 2000, p. 228).

Apesar de a abordagem de Townsend remeter a outro contexto histórico-cultural e geográfico, podemos tomá-la como extremamente útil para nossa compreensão do aspecto

humorístico presente nos periódicos de trincheira paraguaios, os quais intentavam construir um espírito homogêneo de resistência à Tríplice Aliança.

Do mesmo modo que *El Centinela*, a ridicularização satírica do inimigo era basilar na *Vespa de Lopez*. As tropas brasileiras eram sempre apresentadas de modo pejorativo e racista, e do mesmo modo que se enfatizava a figura de Lopez, também se personalizavam representações quanto aos líderes militares da Tríplice Aliança, mas de modo extremamente depreciativo, em especial os comandantes brasileiros.

Referências ao Marquês de Caxias são constantes no periódico, tanto que nos textos de tal jornal são atribuídas à Luís Alves de Lima e Silva adjetivos similares àqueles dados às tropas brasileiras. Além disso, as diversas representações imagéticas de Caxias produzidas em Paso Pucú o apresentam como um homem negro caricato.

Figura 9: “*El Marquez de Caxias vá a bombardear el Campamento paraguayo*” (*CABICHUÍ*, Paso Pucú, 20 de maio de 1867).



FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai.

Tais representações iconográficas publicadas no *Cabichui*, relativas aos brasileiros, não ficaram restritas ao conhecimento dos paraguaios durante a guerra, pois, com o avanço das forças aliadas em território paraguaio, tal periódico tornou-se conhecida daqueles que eram alvos do seu escárnio. Um dos brasileiros que relatam ciência da “vespa” foi o engenheiro militar e oficial do exército brasileiro Rufino Eneas Gustavo Galvão (Visconde de Maracajú), o qual durante a guerra foi nomeado chefe da Comissão de Engenheiros e, anos após o término do conflito, publicou um livro contendo trechos de seu diário particular a respeito da marcha do Exército Brasileiro durante os anos de 1867 e 1868. Assim transcrevemos o trecho do seu diário referente ao dia 26 de julho de 1867:

26 de julho – Não se marchou para passar-se revista de armamento nos corpos e batalhões.

Encontrou-se um boletim de Lopez, declarando esperar-nos no dia 28, e um numero do pequeno jornal caricato, denominado “Cabichuy” cujo emblema é um macaco, atacado por maribondos (MARACAJÚ, 1922, p. 17)³⁰.

Além dos brasileiros presentes no teatro de operações, informações acerca do *Cabichuí*, ainda durante o conflito, chegaram até o Rio de Janeiro, tendo sido publicados na ‘Semana Illustrada’, em janeiro de 1868, comentários, não menos racistas que os tão recorrentes na imprensa paraguaia, a respeito da representação do Marquês de Caxias:

Apanhou-se na 2ª grande Divisão, uma garrafa contendo alguns números do *Cabichuy* que forão entregues ao Almirante.

Pude filar dous desses números (...) Em ambos continuamos a ser negros e de negro feio, qual Toussaint Louverture, está desenhado em um delles o nobre Marquez de Caxias (SEMANA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1868).

O Almirante a quem o articulista, que assina sob o pseudônimo de Leva Arriba, se refere trata-se de Joaquim José Ignacio, o Visconde de Inhaúma. Curiosamente, consoante Arias Neto (2015, p. 5), Leva Arriba seria um pseudônimo utilizado pelo próprio Inhaúma em matérias publicadas na *Semana Illustrada*, o qual também não escapou da sanha satírica do *Cabichuí*, que apresentava o Comandante-em-Chefe da Força Naval brasileira como um covarde que se desentendia constantemente com Caxias (*CABICHUÍ*, Passo Pucú, 28 de outubro de 1867).

³⁰ A primeira edição da obra do Visconde de Maracajú data de 1893.

O último número do *Cabichuí* foi publicado em 20 de agosto de 1868, já no acampamento de San Fernando³¹. Um mês antes a principal fortaleza paraguaia, Humaitá, havia caído e encontrava-se nas mãos dos aliados. O fim do *Cabichuí* coincidiu com uma espécie do começo do fim da guerra, pois poucos meses depois Assunção seria tomada e se iniciaria a famigerada Campanha das Cordilheiras com a finalidade de pôr fim à guerra através da captura ou morte de Solano Lopez.

Partindo das diversas constatações advindas com a análise de tais periódicos apresentadas neste capítulo, percebe-se na imprensa paraguaia existente durante o conflito uma dinâmica que explorava os episódios da guerra sempre sob um prisma favorável às forças paraguaias. Houve uma exacerbação na valorização dos feitos e vitórias paraguaias, inclusive em batalhas cujo desfecho foi desfavorável ao Paraguai; e dentre tais batalhas esteve a ocorrida no Rio Paraná em 11 de junho de 1865, a famosa Batalha Naval do Riachuelo. Adentraremos agora na discussão das representações feitas por tais periódicos paraguaios a respeito da Batalha do Riachuelo no período compreendido entre 1865 e 1868.

³¹ Desde março de 1868, San Fernando tornou-se o acampamento em que Solano Lopez se instalara. Foi justamente em tal local onde ocorreu o massacre de San Fernando, em 21 de dezembro de 1868, quando, sob as ordens do presidente paraguaio ocorreu a execução, sob acusação de traição, de centenas de homens e mulheres, dentre os quais, familiares de Lopez, oficiais de alto posto (inclusive generais), religiosos, políticos e diplomatas estrangeiros.

CAPÍTULO 3:

“LA JORNADA GLORIOSA DEL 11 DE JUNIO”.

3.1: Notícias de uma vitória paraguaia.

Informações acerca da Batalha Naval do Riachuelo foram publicadas pela primeira vez na imprensa de Assunção no dia 17 de junho de 1865, ou seja, seis dias após os sangrentos combates no Rio Paraná. Não se sabe quantos dias demoraram para as informações ainda desconhecidas, talvez propositalmente, provenientes de Humaitá, a chegar aos colaboradores da imprensa oficial de Lopez na capital, na medida em que o *Semanario* era publicado apenas aos sábados.

Independente disso, o único periódico paraguaio à época, naquele 17 de junho, tratou do embate como uma notável ação paraguaia:

Nueve vapores bajaron a combatir á la escuadra brasilera fuerte de diez vapores propiamente de guerra, incluso uno o dos blindados, que se cuentan por mejores de la armada imperial.

(...)

Nuestra flotilla pasó serenamente bajo los fuegos de la escuadra enemiga à ponerse más abajo, y en inteligencia con el Comandante Bruguez que sobre el Riachuelo había tomado posición con el 2º regimiento de artilleria a caballo.

(...)

En la mañana del 12 llegaron nuestros vapores en Humaitá á reparar sus avarias. El Capitán Mesa fué ferido (SEMENARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 17 de junho de 1865).

Diversos são os elementos que constituem o texto de modo a dar maior potencialidade às ações paraguaias que participaram da batalha. O primeiro deles é a ênfase do maior poderio bélico da Esquadra Brasileira, aumentando para dez o número de navios brasileiros, ao invés dos nove que participaram do enfrentamento, passando ao leitor a ideia de uma desproporção avassaladora de forças, a qual é reforçada alguns parágrafos adiante: “*Nuestra escuadrilla á pesar de la formidable desproporción con que se había batido con la escuadra enemiga, mayor en número de buques, en porte, en dotación, y elementos de combate sostuvo otra vez una defensa vigorosa por toda la tarde*” (SEMENARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 17 de junho de 1865).

O uso das palavras também maximizava a desproporção, pois o embate era entre “*nuestra escuadrilla*” versus “*escuadra enemiga mayor*”, ao mesmo tempo a apresentação de uma luta defensiva reverberava o discurso de que a guerra seria um ato de defesa do Paraguai contra os desígnios imperialistas do Brasil. Tais recursos imprimiam ao relato da batalha uma heroicização dos defensores paraguaios.

Contudo o *Semanario* vai além da menção aos atos de bravura por parte de seus soldados e marinheiros e imprime uma interpretação dos resultados do confronto como favoráveis aos paraguaios:

Pero ha sido tal el descalabro del enemigo que ni pensó en la persecución que pudo ejecutar sobre el resto de nuestra escuadrilla
 (...)
 El enemigo ha tenido pérdidas muy considerables
 (...)
 El día 11 de Junio será muy señalado entre los gloriosos de la Patria, porque en ese día hemos mostrado al mundo una vez más que somos dignos de la independencia que sostenemos contra el poder de un Imperio y de dos Repúblicas que se conjuran contra nosotros (SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 17 de junho de 1865).

Assim, o fato de a Esquadra brasileira não ter imposto perseguição aos navios paraguaios foi apontado como um dos sinais do êxito paraguaio na Batalha. Segundo o articulista o triunfo muito se deveu às baterias de artilharia em terra que teriam posto o inimigo em estado de “*descalabro*”.

Como apresentado no capítulo anterior, o *Semanario* constituía-se, ao mesmo tempo, como o único periódico de notícias a circular no Paraguai durante os dois primeiros anos da guerra e como o porta-voz oficial do governo de Solano Lopez. Tais fatores imprimiam ao *Semanario* vasto “poder simbólico” que transformava suas palavras em realidades e reconhecimento, isto é, possivelmente, graças à sua leitura exclusiva, grande parte de seus leitores tomava suas publicações e notícias a respeito da guerra como legítimas, de maneira similar ao que aponta Pierre Bourdieu:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a visão de mundo, e deste modo, a acção sobre o mundo (...) só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (...) O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter é a crença na legitimidade daquele que as pronuncia (BOURDIEU, 2012, p. 14-15).

Coadunada ao conceito durkheimiano de “conformismo lógico”, Bourdieu assinala que tal poder simbólico trata-se de um poder de construção da realidade que forja e é forjado pelo consenso de determinado grupo social. O uso da Batalha Naval do Riachuelo por parte do *Semanario* enquanto elemento de propaganda de guerra a favor dos paraguaios fabricava/reforçava uma realidade (cida) na qual os bravos paraguaios tinham êxito na guerra que se desenrolava.

Mais notícias a respeito do “*combate naval del 11 en el Riachuelo*” seriam publicadas no dia 24 de junho. Como forma de dar fidedignidade aos acontecimentos narrados, o *Semanario* informava que sua fonte se tratava do “*Boletín de Campaña*”, passando a narrar de maneira pormenorizada os feitos paraguaios na Batalha. Tal narrativa do Boletim do Exército paraguaio (que serviu de base para o prólogo do presente trabalho) trazia alguns dados relevantes aos seus propósitos: novamente aponta em dez o número de navios brasileiros presentes nos combates (apesar de terem sido nove os navios da Armada Imperial); afirmava que o inimigo possuía mais de cem peças - Almeida aponta que os navios brasileiros contavam com 59 canhões de diversos calibres (ALMEIDA, 2015, p. 58) -; mencionava o nome de apenas três navios brasileiros, a *Belmonte* (repetidas vezes), o *Parnaíba* e o vapor *Terror do Mundo* (pela descrição das ações cremos tratar-se ou da Corveta *Jequitinhonha*, ou da Fragata *Amazonas*); enfatizava a inferioridade bélica paraguaia composta de apenas oito pequenos navios, quase todos de transporte; e relacionava uma série de nomes de paraguaios que teriam lutado valorosamente naquele dia.

Apesar de apresentar uma série de equívocos e carecer de precisão em diversos dados, novamente se enfatizava a superioridade bélica da esquadra brasileira que os marinheiros paraguaios tiveram de enfrentar com seus navios improvisados. Apesar disso, o desfecho do embate teria sido desfavorável aos brasileiros:

Nuestra pequeña escuadra ha obtenido un triunfo material y moral.

(...)

El triunfo del 11 está por nosotros.

Si, ellos no pueden gloriarse de haberlo conseguido. El triunfo se calcula por la pérdida material de los beligerantes. Toda nuestra escuadra valía menos que la mitad de la escuadra bloqueadora, y toda ella va completamente inutilizada y con una considerable pérdida en su personal.

Hemos ganado en valor, en decisión, en bravura y heroísmo (SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 24 de junho de 1865).

Na semana seguinte, dava-se continuidade às informações e análises a respeito do grandioso embate ocorrido nas águas do Rio Paraná:

El 11 de Junio se trabó por primera vez en el Paraná un combate naval entre nuestras fuerzas y las del enemigo, que duró desde las nueve de la mañana hasta las cinco de la tarde, hora en que se puso término á la lucha, retirándose ambos contendentes, habiendo obtenido nuestros marinos un resultado, que más tarde llego a ser decisivo (SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 01 de julho de 1865).

Buscava-se com tais análises demonstrar um raciocínio lógico segundo o qual articulava alguns elementos para se chegar a uma constatação da vitória paraguaia em Riachuelo. Isto é, o argumento central era: mesmo tendo sido uma batalha renhida e sangrenta, os brasileiros saíram muito mais prejudicados o que era perceptível pelo simples fato de não ter conseguido perseguir a improvisada esquadra paraguaia: o que inferia uma vitória a nível material; além disso, diante de um inimigo absolutamente superior, os paraguaios não se atemorizaram e cumpriram sua missão: resultando uma vitória a nível moral. Desse modo o *Semanario* desenvolvia o seu papel de articular uma propaganda como forma de educação e convencimento, conforme aponta Domenach a respeito de tal característica:

La propaganda por consiguiente, influye en la actitud fundamental del ser humano. En este sentido puede comparársela con la educación; pero las técnicas que emplea habitualmente y, sobre todo, su designio de convencer y subyugar, sin formar, la hacen su antítesis (DOMENACH, 1968, p. 6).

Além das notícias da bravura paraguaia publicadas pela Imprensa Oficial, o governo paraguaio fez uso de outro elemento simbólico de grande relevância a nível militar: a concessão de condecorações aos partícipes da Batalha Naval do Riachuelo. O *Semanario* de 24 de junho tem em sua primeira coluna a publicação de vários decretos presidenciais concedendo a importante Ordem Nacional do Mérito, nos graus de Cavaleiro e Comendador, a diversos soldados e marinheiros paraguaios que haviam combatido a Força Naval brasileira treze dias antes.

Para dar maior legitimidade aos feitos paraguaios em Riachuelo, enfatizaram-se também as ações das tropas combatentes em terra. Essa ênfase dada às forças terrestres nesta

batalha fluvial pode ser percebida pela criação de uma condecoração da parte do governo paraguaio no dia 02 de julho de 1865: *La Medalla de Riachuelo* (MAYANS, 2007).

Figura 10: Medalha de Riachuelo (Paraguai).



FONTE: (GILLINHAM, 1932, p. 84-85).

Tal medalha, de acordo com o Decreto de Solano López, deveria ser concedida ao 2º Regimento de Artilharia a Cavalo³², que durante o embate esteve sob o comando do Tenente-Coronel José María Bruguéz³³:

Artículo 1º

Concédese una medalla de honor al 2º Regimiento de artillería à caballo.

Artículo 2º

La medalla de honor será circular y de 30 milímetros de diámetro orlada de una guirnalda laurel por ambos os lados y la inscripción de "El Mariscal Presidente al 2º Regimiento de artillería á caballo" en el anverso, y la de "Riachuelo 11 y 13 de Junio de 1865" en el reverso" (SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 08 de julho de 1865)³⁴.

As inscrições da medalha trazem um indício interessante acerca deste constructo discursivo da vitória paraguaia na Batalha Naval do Riachuelo, especialmente as do seu reverso: "*Riachuelo 11 y 13 de junio 1865*". Isto é, houve da parte da propaganda paraguaia uma extensão

³² Almeida estima que cerca de 700 a 800 homens faziam parte do Regimento comandado por Bruguéz no dia da Batalha Naval do Riachuelo, mas, devido às fontes conflitantes não assinala o número de baixas sofridas em tal posição (ALMEIDA, 2015, p 58).

³³ José Maria Bruguéz, cujas ações em Riachuelo foram tão louvadas pelo governo de Solano Lopez, foi promovido à general em maio de 1867, contudo, um ano depois, em 26 de agosto de 1868, caiu em desgraça aos olhos do "Mariscal" e foi executado sob acusação de traição.

³⁴ Destaque em negrito no original.

dos eventos celebrados pela Marinha do Brasil do dia 11 de junho para outro evento que se desenrolou dois dias depois, em 13 de junho.

No dia 13 de junho, o Chefe de Divisão Barroso determinou o retorno de alguns navios ao local da Batalha a fim de tentar desencalhar a Corveta *Jequitinhonha*. Para tal missão foram enviados a Canhoneira *Ipiranga* (sob o comando do Primeiro-Tenente Álvaro Augusto de Carvalho), a Canhoneira *Mearim* (sob o comando do Primeiro-Tenente Elisiário José Barbosa), a Canhoneira *Araguari* (sob o comando do Primeiro-Tenente Antonio Luís von Hoonholtz) e a Canhoneira *Iguatemi* (sob o comando do Primeiro-Tenente Justino José de Macedo Coimbra). Entretanto, a missão não se mostrou bem-sucedida, pois ao chegarem ao local onde se encontrava a *Jequitinhonha* os navios brasileiros foram atacados pela artilharia paraguaia que estava nas barrancas de Santa Catalina e, após cerca de três horas de combate, a missão foi abortada.

A construção desta continuidade até o dia 13 é importante para a noção da lógica de uma vitória paraguaia, pois demarcou um discurso no qual a Força Naval brasileira, fustigada pelas baterias de artilharia paraguaias teve de retroceder e descer o Rio Paraná. Assim, tal desdobramento dos eventos do dia 11 no dia 13 de junho constituiu-se como sinal do êxito paraguaio difundido no *Semanario*. Dois anos depois, o periódico *El Centinela* também faria menção ao 13 de junho de 1865 como coligado à Batalha Naval do Riachuelo:

Celebres han sido los combates navales que han tenido lugar en las aguas del Paraná en los días 11 y 13 de Junio de 1865.

El gran combate del Riachuelo es de alta significación, y uno de los encuentros que han hecho conocer al enemigo su impotencia.

(...)

Extraordinario fué el valor de nuestros marinos, luchando con elementos superiores, sin más apoyo que su valor e intrepidez – Cuerpo a cuerpo, brazo a brazo, y si dijéramos pecho a pecho y diente a diente han peleado los héroes del 11 de Junio.

(...)

Enormes daños sufrieron los buques enemigos (...) hasta al extremo de hacer salir en vergonzosa fuga (...)

Salud á los vencedores del Riachuelo (EL CENTINELA, Assunção, 13 de junho de 1867).

O argumento primordial era que, apesar da superioridade do inimigo, a bravura dos marinheiros paraguaios suplantou o poderio do adversário lançando estes em uma fuga impotente e vergonhosa. Quase sessenta anos após a Batalha, o efusivo propagandista de Solano Lopez no século XX, Juan O’Leary, articulava raciocínio similar, apesar de não dar os louros da vitória aos

paraguaios, tampouco os concedia aos brasileiros, afirmando que: “*Al oscurecer tuvimos que emprender la retirada, no derrotados, pero tampoco vencedores*” (O’LEARY, 1922, p. 25).

Nas narrativas desenvolvidas no Brasil após a Batalha, levantou-se um panteão de heróis navais, destacando-se o Chefe Barroso, o Guarda-Marinha Greenhalgh e o Imperial Marinheiro Marcílio Dias, cujas figuras heroicas foram constantemente reelaboradas no decorrer das décadas de acordo com os interesses institucionais³⁵. Logicamente, o *status* heroico de tais sujeitos sustentou-se em grande medida pela vitória brasileira ao fim da Guerra. De maneira similar, a imprensa paraguaia no momento imediatamente posterior à Batalha também constituiu o relato a partir de um constructo épico, fazendo questão de apontar os feitos e mortes heroicas de vários de seus combatentes.

No dia 24 de junho de 1865, o *Semanario* apontaria nominalmente, e de modo extremamente elogioso, a constituição de um panteão heroico da Batalha. Dezenas de militares paraguaios foram apontados por sua bravura ou comportamento heroico, dentre eles: o Tenente Robles, comandante do *Marquês de Olinda*, que mesmo bastante ferido permaneceu lutando e não abandonou seu navio mesmo quando esse caiu sob domínio inimigo, decisão essa que “*honra altamente á la marina nacional*”; o Coronel Briguez, que em terra fustigou severamente o inimigo; o “*valiente*” Cabo Machuca, da tripulação da *Taquari*, que foi o primeiro homem a abordar a *Belmonte*; De La Cruz Mereles, da tripulação da *Igurei*, que matou um oficial brasileiro que tentou arriar a bandeira paraguaia do referido navio; o Capitão Meza, que foi seriamente ferido; o Sargento Lúcio Leon que, com “*un tiro certero de fusil*” alvejou aquele que ferira o comandante Meza.

Após o enaltecimento pessoal, a matéria encerrava-se com a elevação daquela data como um marco que tornar-se-ia histórico: “*Debe pasar à la historia lleno de honor para nuestra marina la accion del 11 de Junio, en que ha enrojecido el agua del combate con la sangre de sus enemigos. (...) La jornada gloriosa del 11 de Junio siempre recordaremos con orgullo*”.

Curiosamente, um periódico brasileiro publicado em Curitiba, intitulado “Dezenove de Dezembro”, publicaria poucos dias depois, em 08 de julho, uma matéria sobre a vitória brasileira na Batalha Naval do Riachuelo utilizando termos extremamente similares aos do

³⁵ Álvaro Nascimento faz uma interessante análise a respeito da trajetória de Marcílio Dias na Marinha do Brasil bem como de sua constituição como figura reverenciada e lembrada pedagogicamente (NASCIMENTO, 2015, p. 84-95).

Semanario referindo-se à glória e ao aspecto memorável da peleja: “gloriosa jornada de 11 de junho ficará eternamente memorável nos annaes de nossa marinha” (BARBATO, 2015, p. 111).

O enfoque no sacrifício dos combatentes paraguaios é outro ponto de destaque e de importante menção. Havia a necessidade de inserção dos que ainda estavam no campo de batalha - e da população paraguaia como um todo - da firme convicção de resistir até a morte. Ou seja, todo sacrifício pela pátria paraguaia não seria em vão, pois se constituía como um ato de glória pela defesa da República do Paraguai que estaria ameaçada de destruição pelo Império Brasileiro coligado a duas outras repúblicas.

Surpreende a correlação que pode ser feita entre as assertivas Tomistas e as justificativas presentes no *Semanario* para a resistência e luta contra a Tríplice Aliança. Na quadragésima questão da 2ª Seção da 2ª Parte de sua Suma Teológica (AQUINO, 2004, p. 517-519), Santo Tomás de Aquino trata da guerra abordando, dentre outras questões, se há alguma guerra que seja lícita. Como resposta Tomás de Aquino aponta que tal licitude só é possível sob três condições: (1) se for ordenada sob “*auctoritas principis*” (a autoridade do príncipe), o qual deve ser considerado legítimo; (2) se houver “*requiritus causa iusta*” (uma causa justa), ou seja, para se punir injustiças cometidas pelo inimigo; e (3) se visa “*bonum promoveatur*” (promover o bem), por exemplo, propagar a paz e reprimir os maus. Constantemente o *Semanario* apontava a guerra contra os aliados como uma “santa causa”, e, especificamente, na sua edição de 30 de setembro de 1865, coaduna seu raciocínio à guerra lícita de Aquino:

La paz prodigaba la riqueza, la virtud y la esperanza en nuestro suelo.

(...)

*Pero siempre **nuestros enemigos** estrellándose **contra nuestros ardientes esfuerzos por la paz** y bajo el temor de hacer ver al mundo **la evidente injusticia** con que nos hicieran la guerra.*

(...)

***Grande y santa es la causa** que ha puesto las armas en nuestra mano.*

(...)

*Los nobles sentimientos que animan al **Supremo Gefe del Estado** tienden á llevar en consuelo en el corazón de las familias de todos aquellos que se han sacrificado con honor por la patria.*

(...)

***Nuestros esfuerzos y nuestro amor á la paz** no han podido evitar la guerra á que obstinadamente nos ha conducido **la ambición del Brasil y sus aliados** (...) hemos preferido la lucha armada (...) inspirado en **la santidad de la causa y su justicia** (SEMENARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 30 de setembro de 1865)³⁶.*

³⁶ Destaques nossos.

Percebe-se que os pressupostos tomistas da guerra são rearranjados na construção discursiva dos periódicos paraguaios do período da guerra, na medida em que, aborda as três condições para desenvolver uma guerra justa contra o Império do Brasil e seus aliados. Em primeiro lugar, o “príncipe” (o “*Supremo Gefe del Estado*”) paraguaio tem autoridade e é incontestavelmente legítimo; a segunda condição se apresentava pela necessidade de punir as injustiças cometidas pelo Império do Brasil contra o Paraguai, ao bloquear os rios da região, e contra as outras nações da América do Sul (especialmente por sua ação militar no Uruguai) por conta de sua suposta sanha de dominação imperial; por fim, a Imprensa do Estado apregoava a seus leitores que a guerra empreendida por Lopez tinha por finalidade promover a paz na região ao defender-se da dominação estrangeira.

Deve-se ter em mente que grande parte dos articulistas dos periódicos paraguaios era formada por sacerdotes católicos, e que tal linha de raciocínio fazia uso de uma série de repertórios culturais compartilhados pelos leitores de tais jornais, o que incluía uma percepção do mundo sob o prisma do catolicismo, religião majoritária na América do Sul do período. Ademais, várias são as ligações entre o esforço de guerra e o amparo divino e dos santos à causa paraguaia, de modo que aspectos teológicos e políticos andavam de mãos dadas buscando justificar a guerra e formatando as representações acerca dos diversos embates, tais como, a Batalha em Riachuelo.

Alguns historiadores afirmam que pouco mais de um ano após a Batalha Naval do Riachuelo, apesar de a guerra ainda estar em sua metade, ocorreu uma inversão radical na iniciativa ofensiva se comparado aos meses iniciais do conflito. Os aliados agora avançavam paulatinamente rumo ao território paraguaio, enquanto estes se defendiam de maneira bravia. Johansson afirma que a partir de 1866 a guerra adentrou em uma segunda fase que se estendeu até 1869, marcada pela entrada das tropas da Tríplice Aliança em território paraguaio onde “*el enfrentamiento se convirtió en una guerra de trincheras o de desgaste, solo alterada por grandes batallas con miles de muertos que no lograban modificar las líneas de combate*” (JOHANSSON, 2015, p. 503).

Entretanto, no aniversário de um ano da Batalha de Riachuelo, o *Semanario* voltaria a mencionar os feitos paraguaios e, a partir de 1867, teria seu coro reforçado pelos demais periódicos de trincheira criados naquele ano. Tais notícias, rememorando os feitos paraguaios de 11 e 13 de junho de 1865, visavam dar aos receptores de tais matérias, primordialmente os

combatentes, um fôlego extra de elevação moral ante o imenso desafio de defender-se das forças da Tríplice Aliança e do desgaste da guerra.

Glória e sangue. Com estes elementos tão difundidos nas épicas narrativas bélicas é que tanto o *Semanario*, quanto seus novos companheiros, *El Centinela* e *Cabichuí*, propuseram aos seus leitores a apreensão da guerra em sua totalidade e da Batalha Naval do Riachuelo em suas especificidades que a tornaram uma espécie de exemplo a todos os outros embates que ainda estavam por vir. O exacerbado número de mortes do lado paraguaio não era abordado com consternação, mas, pelo contrário, era apontado como marca do valor e da bravura guerreira dos paraguaios que seriam lembrados pelas gerações futuras, sendo lembrados nos anos subsequentes.

3.2: Comemorações do aniversário da vitória.

A guerra aproxima-se, finalmente, ao almejado desenlace.

(...)

Prenuncia-se muito em breve a destruição de Humaitá, a tomada de Assumpção e o resgate de Matto Grosso.

Tudo está calculado e previsto (MINISTÉRIO DA MARINHA, 1866, p. 13).

Em 15 de maio de 1866, ao discorrer aos representantes políticos do Império a respeito da Batalha Naval do Riachuelo, inserida em seu relatório referente ao ano anterior, o então Ministro da Marinha, Francisco de Paula Silveira Lobo, proferiu a previsão acima citada. Seu prognóstico, porém, não se concretizou e, naquele momento, estava longe de ser uma possível realidade. Os três grandes episódios vaticinados por Silveira Lobo – resgate de Mato Grosso, destruição de Humaitá e tomada de Assunção - de fato se cumpriram, mas o desenrolar dos acontecimentos não se seguiu com a velocidade prevista e calculada, pois, se deram somente a partir de 1867, a saber, respectivamente: junho de 1867, julho de 1868 e janeiro de 1869. Além disso, a tomada de Assunção que era vista como sinônimo do término do conflito antes de sua efetivação, quando finalmente ocorreu não trouxe em seu bojo o fim dos combates, os quais se estenderam por mais de um ano até o suspiro final de Lopez em Cerro Corá.

Poucos meses após Riachuelo, se deu uma inversão da iniciativa da guerra, onde os paraguaios tomaram uma posição defensiva, enquanto os aliados iniciavam um processo de retomada de territórios ocupados e invasão do solo inimigo. A tomada de Uruguaiana no mês de

setembro de 1865 foi um dos momentos bélicos mais relevantes ocorridos neste momento de transição. A retração defensiva das forças de Solano Lopez foi acompanhada por um movimento de reforço das poderosas fortalezas nas margens das vias fluviais que precediam Assunção na marcha das tropas aliadas. Ao mesmo tempo as forças da Tríplice Aliança, especialmente a Marinha do Brasil, adquiriram no exterior e construíram no Arsenal de Marinha da Corte novos meios mais adequados para o imenso desafio que os esperava até a chegada na capital paraguaia.

No entanto, o avanço aliado foi um processo lento e marcado por uma série de percalços logísticos que tornaram os planos do Ministro da Marinha proferidos em maio de 1866 uma árdua e sangrenta tarefa. Fortalezas aparentemente inexpugnáveis, solos pantanosos, território desconhecido, epidemias, dificuldades no abastecimento das tropas, soldados inimigos galhardos foram alguns dos elementos que contribuiriam para o alongamento da guerra.

Não obstante, um ano após a grande batalha ocorrida entre brasileiros e paraguaios no Rio Paraná, enquanto no Rio de Janeiro o Ministro da Marinha exultava a grande vitória brasileira alcançada “pelo ardor, pela intrepidez, pela coragem bizarra dos nossos patrícios” (MINISTÉRIO DA MARINHA, 1866, p. 14), em Assunção o *Semanario* também comemorava o aniversário deste episódio bélico:

Un ano ha que las doradas puertas del templo de la gloria se abrieron al estrépito sonoro y magestuoso de las armas de la República

(...)

Así terminó el glorioso combate del día 11 de Junio de 1865 en el lugar denominado “Rincón del Riachuelo”, que si no nos dio el triunfo definitivo sobre la armada enemiga, inscribió, con indelebles caracteres en la historia de la Nación Paraguaya la acción más brillante y elocuente del valor marcial de sus hijos, que pasma de admiración al mundo guerrero.

La escuadra enemiga, que huyó vergonzosamente del campo de batalla (...)

Las glorias alcanzadas por la Nación Paraguaya en la acción, única en su género del 11 y 13 de junio y la sangre derramado de nuestros hermanos han construido el baluarte inexpugnable que ha detenido en los umbrales de la Patria á la formidable armada enemiga (SEMENARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 16 de junho de 1866).

A linguagem utilizada pelo órgão oficial de imprensa do governo paraguaio um ano após ter noticiado pela primeira vez suas representações acerca de Riachuelo continua tendo três grandes linhas de raciocínio: (1) A força naval inimiga é rememorada como muito mais poderosa a nível bélico; (2) A bravura dos paraguaios é louvada como elemento preponderante para o desfecho do embate, ao mesmo tempo em que a glória do episódio é dada ao “*invicto Mariscal*

Lopez”; (3) A soma dos acontecimentos de 11 e 13 de junho representava um memorável triunfo paraguaio, na medida em que a esquadra imperial, ao não ter prosseguido rumo à Humaitá, teria fugido “*vergonzosamente del campo de batalla*”.

O elemento de celebração evocado pela imprensa de trincheira paraguaia cumpria um procedimento similar ao utilizado por diversos periódicos de países em guerra durante o século XIX, que era o da comemoração de determinado feito na data de seu aniversário. Esse elemento, na realidade, constituiu-se como aspecto indispensável da formação dos Estados Nacionais modernos e ganhou consistência e significado no Ocidente principalmente após a Revolução Francesa, quando se passou a comemorar em rituais cívicos ou em alguma espécie de materialização (impressos, esculturas, monumentos, pinturas, etc.) os momentos selecionados para representarem elos de determinada nacionalidade a uma comunidade.

De acordo com Paul Ricoeur, a comemoração se insere no grande espectro de uma memória exercitada, cujo reforço é compreendido em um hábito ritualístico que visa ser apontada como uma lembrança relevante à coletividade, em que

não há efetuação ritual sem a evocação de um mito que orienta a lembrança para o que é digno de ser comemorado. As comemorações, são assim, espécies de evocações, no sentido de reatualização, eventos fundadores apoiados pelo “chamado” a lembrar-se que soleniza a cerimônia (RICOEUR, 2007, p. 60).

Nesse sentido, as comemorações da Batalha Naval do Riachuelo na imprensa controlada pelo governo de Lopez traziam em seu cerne a reatualização dos combates ocorridos em 1865 como dignos de serem mitificados enquanto um momento solene da história paraguaia, mas que iam além do mero caráter memorialístico, pois no contexto da guerra, possuíam o utilitarismo de servir de exemplo e motivação.

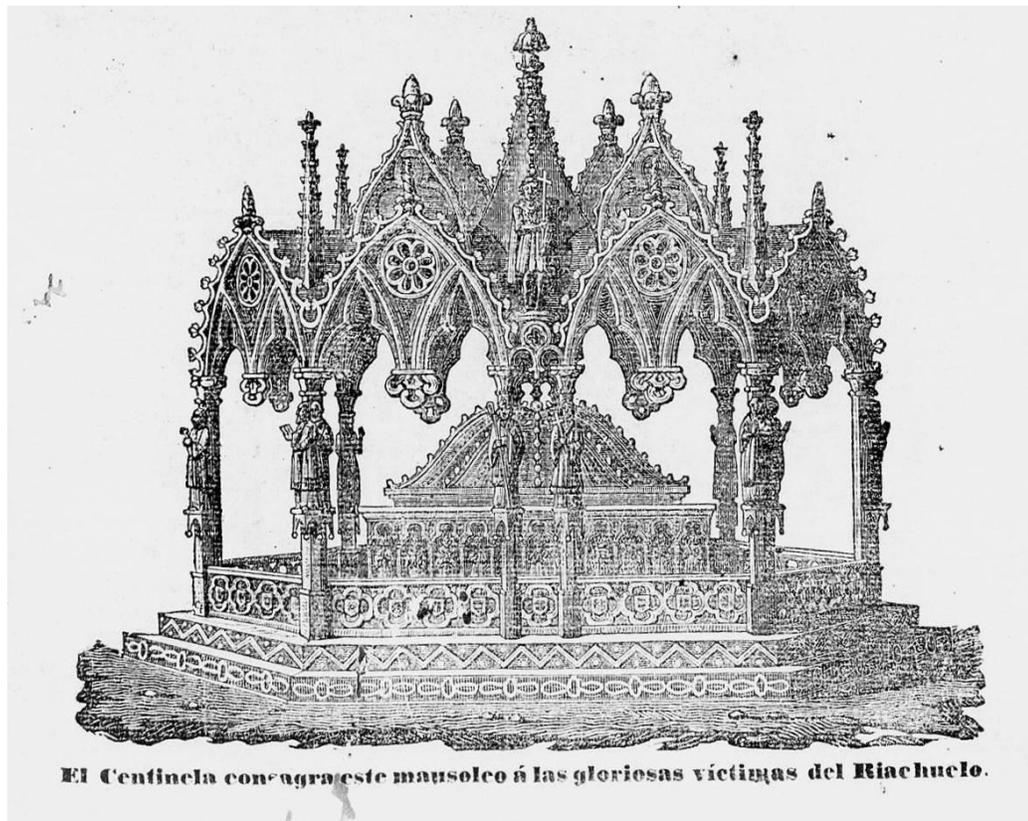
Por sua vez, o historiador português Fernando Catroga, entende as comemorações de acontecimentos tidos por meritórios e promovidas pelos governos dos estados contemporâneos enquanto liturgias cívicas, nas quais:

Mais do que em qualquer outra cerimônia necromântica, as comemorações cívicas mobilizam, explicitamente, a memória, chamando-a a desempenhar a mesma função pedagógica que era atribuída a toda literatura histórica. Daí que, também nelas, a morte (o passado) fosse utilizada pela vida (o presente e o futuro) (CATROGA, 2005, p. 107).

Essa função cívico-pedagógica-bélica presente no *Semanario* seria bastante reforçada com o surgimento dos outros jornais apresentados no capítulo anterior. Apesar de apresentarem uma linguagem muito mais coloquial e próxima à oral, o *El Centinela* e o *Cabichuí* também se juntaram ao coro das comemorações do aniversário da Batalha Naval do Riachuelo em tons triunfalistas.

Nos anos subsequentes, diante do recrudescimento da guerra, os periódicos paraguaios continuavam a exultar a Batalha de Riachuelo. Conforme citamos anteriormente, o *El Centinela* em 1867 exaltara seus “*marinos*” pelos “*Celebres (...) combates navales que han tenido lugar en las aguas del Paraná*”, e, concomitantemente, aproveitava-se de seu pioneirismo imagético na imprensa paraguaia para “erguer” um mausoléu-monumento xilogravado aos seus combatentes:

Figura 11: “*Mausoleo á las gloriosas víctimas del Riachuelo*” (*EL CENTINELA*, Assunção, 13 de junho de 1867).



FONTE: Hemetoteca Digital Brasileira.

Dois anos haviam decorrido desde o embate naval e apesar da retração defensiva paraguaia e dos duros golpes sofridos em Tuiuti e Curuzu (ambas as batalhas em 1866), as forças sob o comando de Solano Lopez conseguiram também impor grandes dificuldades aos aliados, especialmente ao vencerem-nos em Curupaiti (1866) e provocarem a Retirada de Laguna (1867).

A exaltação da memória de Riachuelo, além de ser um elemento de inspiração à resistência, também incidia sobre uma das principais ameaças inimigas que era a Esquadra Imperial brasileira. Diante da poderosa ameaça que subia o rio rumo a Assunção, se fazia necessário demonstrar aos defensores das fortalezas às margens das vias fluviais que seria possível conter o inimigo, e a evocação dos feitos paraguaios em Riachuelo pela imprensa tinha essa intenção, haja vista que seu discurso representava a força naval brasileira como ineficiente e operada por homens sem brios e covardes.

No mesmo dia em que Assunção tinha acesso às homenagens prestadas pelo *El Centinela* aos marinheiros e soldados que combateram em Riachuelo dois anos antes, no acampamento de Paso Pucú, o *Cabichuí* era distribuído aos soldados louvando as ações militares de 11 e 13 de junho de 1865:

Los hijos de esta tierra de libres festejarán de generación a generación la imponente memoria de tan brillantes jornadas; y en ellas con religiosa veneración aspirarán siempre el espíritu sobre-humano del entusiasmo y amor nacional, que los hace vencedores y invencibles de fuerzas tan colosales (CABICHUÍ, Paso Pucú, 13 de junho de 1867).

Novamente se faz presente a conexão dos acontecimentos de 11 e 13 de junho, além da sugestão de uma vitória paraguaia como resultado dos combates ocorridos naqueles dias. Somado a isso, outro aspecto recorrente, principalmente no *El Centinela* e no *Cabichuí* é a exaltação do espírito guerreiro paraguaio que tinha por antítese inimigos ridicularizados.

Conforme apontamos no capítulo anterior, diversas vezes os combatentes da Tríplice Aliança são apontados nestes jornais como covardes, fracos, estúpidos e inábeis guerreiros. De modo proposital o tom satírico era bastante recorrente e aliado a ele estava a informalidade do texto. Enquanto o *El Centinela* afirmava que “*los amilanados negros (...) aturdidos no podían hacer uso de la formidable armada*” (*EL CENTINELA*, Assunção, 13 de junho de 1867), o *Cabichuí* apontava “*o oprobio (...) que há recojido esa cobarde y miserable armada de esclavos*” que estava sob “*el infame trapo auri-verde*” (*CABICHUÍ*, Paso Pucú, 13 de junho de 1867).

Tal construção de um discurso racial a respeito dos combatentes brasileiros, retratados como negros/escravos pelos jornais de Assunção é bastante conhecida. Além dos aspectos relacionados à tentativa de apresentar o inimigo como inferior a partir de teorias racialistas do período, havia também o forte ensejo de demonstrar que em uma luta que postava, supostamente, escravos³⁷ e homens livres em oposição no campo de batalha, claramente os dotes morais e guerreiros mais louváveis estariam do lado dos homens livres da República paraguaia.

No final de 1867, o *El Centinela* assim se referiria em tons de escárnio às forças brasileiras (fazendo menção à Batalha Naval do Riachuelo): “*Con que fuerzas nos combate el enemigo? ¿Son acaso los negros esclavos que asaltamos en Coimbra y Corumbá, ó los imbeciles marinos que en Riachuelo avanzamos y derrotamos con nuestras celebres chatas y vaporcillos mercantes?*” (*EL CENTINELA*, Assunção, 05 de dezembro de 1867).

Isto é, ao apresentar as fileiras inimigas compostas por escravos negros e marinheiros imbecis, os quais, apesar do grande potencial bélico, não tinham hombridade nem capacidade intelectual para usar tal potencial, tais periódicos intentavam dar fôlego em uma guerra que já chegava à exaustão àqueles que, por sua vez, eram representados como bravos e heroicos: os combatentes paraguaios.

Em junho de 1868, novamente o *Cabichuí*, agora publicado em San Fernando após a retirada das tropas paraguaias do acampamento de Paso Pucú, fazia menção à memorável batalha naval de 1865 recordando

El inmortal suceso del “Riachuelo” en que la intrepidez y bravura de nuestros marinos y artilleros de tierra han elevado el nombre paraguay
 (...)
 Tres años ha que ocho sutiles embarcaciones con algunos lanchones armados cayeron sobre la poderosa escuadra enemiga
 (...)
 El 11 y 13 de Junio es el primer laurel que sirve de base a tantos otros que sucedieron después y que hoy forman la corona de gloria que orna la sien de la Patria (*CABICHUÍ*, San Fernando, 15 de junho de 1868).

No mês seguinte Humaitá seria tomada pelas forças da Tríplice Aliança, sucesso militar que em uma visão retrospectiva representou o começo do fim da guerra, pois seis meses

³⁷ De acordo com Izecksohn, no período imperial “Apesar da forte presença de negros e mestiços nas fileiras, o serviço militar brasileiro não era aberto a escravos”; o mesmo autor aponta que parte dos elementos que compuseram as forças armadas brasileiras na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai era formada por negros que haviam sido alforriados para tal (IZECKSOHN, 2015, p. 96-110).

depois, após uma série de derrotas paraguaias no mês de dezembro de 1868, Assunção seria tomada e Solano Lopez fugiria para o norte do país, dando início à fase final do conflito. Em julho de 1869, a imprensa de trincheira paraguaia desapareceu com a publicação do último número do '*La Estrella*' em Peribebuí, e juntamente com ela as representações acerca de uma Batalha Naval do Riachuelo vencida por forças paraguaias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história discutirá a importância d'essa vitória.

(Francisco de Paula da Silveira Lobo – Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha - sobre a Batalha Naval do Riachuelo) (MINISTÉRIO DA MARINHA, 1866, p. 13).

A história é escrita pelos vencedores. Com um jargão iniciamos a introdução desse trabalho e com outro, bastante comum no meio dos historiadores, principiamos nossas palavras finais. Diante da vitória da Tríplice Aliança em 1870 várias foram as abordagens a respeito da Guerra, suas motivações e consequências que se seguiram nas décadas após o conflito até os dias atuais. Diversos historiadores, com criterioso trabalho metodológico e minuciosa análise documental, apontaram com bastante competência os aspectos relacionados à Batalha Naval do Riachuelo e sua vitória pela Força Naval brasileira, assim como o seu importante papel no desenrolar do conflito, apesar de este ainda ter demandado mais cinco anos para ter seu desfecho.

De fato, as palavras pronunciadas pelo Ministro Silveira Lobo em 1866 sobre a Batalha de Riachuelo, se concretizaram, pois a “história” - e novamente acentuamos a acepção proposta por Michel de Certeau de encarar tal termo enquanto sinônimo de “historiografia” - desde então vem discutindo a importância da vitória no referido enfrentamento naval.

Não obstante, cabe ao historiador estar atento aos sussurros das fontes documentais que ele questiona e a partir das quais aponta seus problemas. Quantas realidades são construídas a partir das apropriações de determinados eventos? A Batalha Naval do Riachuelo pode ser inquirida como um desses momentos, hoje vista inquestionavelmente e acertadamente como um dos maiores enfrentamentos navais da América com um resultado favorável a Esquadra Imperial brasileira.

Entretanto, não se pode perder de vista que em algum lugar, durante algum tempo e em determinados meios de difusão de informações, o vencedor da Batalha daquele domingo (e da terça-feira que se seguiu) foi outro. Ante o brado de “Glória aos vencedores. Glória ao Brasil” (SEMANA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1865) ecoado no Rio de Janeiro através da Semana Ilustrada de 09 de julho de 1865, havia outro brado em Assunção enaltecendo, no idioma espanhol, um vencedor diverso: “*El triunfo del 11 está por nosotros. (...) La jornada*

gloriosa del 11 de Junio siempre recordaremos con orgullo” (EL SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 24 de junho de 1865).

Foi nosso intento na feição deste trabalho, apontar como discursos tão díspares e antagônicos acerca dos acontecimentos bélicos de junho de 1865 no Rio Paraná se fizeram possíveis. Por mais que todos os indícios e documentos demonstrem que o vencedor em Riachuelo foi a força naval brasileira comandada por Francisco Manoel Barroso, uma outra narrativa da parte da imprensa paraguaia do período da guerra foi produzida, reiterada e comemorativamente reforçada, criando uma realidade com um desfecho alternativo.

Ora, para muitos dos leitores, e porque não dizer também articulistas, do *Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles*, do *El Centinela* e do *Cabichuí*, o triunfo e a glória de Riachuelo pertenceram aos marinheiros e soldados paraguaios que participaram das refregas de 11 e 13 de junho.

Isso não significa que tal versão dos acontecimentos possa ser tomada como uma variante plausível dos acontecimentos, isto é, a vitória paraguaia em Riachuelo não possui base documental à historiografia. Em concórdia com Robert Darnton, os historiadores devem aprender que, independente de qual seja sua origem, “a notícia [publicada em jornais] não é o que aconteceu no passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu” (DARNTON, 2010, p. 17).

Apesar disso, uma realidade formatada a partir de um discurso que se utilizou de seu poder simbólico não pode ser ignorada pelos historiadores. A propaganda de guerra concebida pelos partidários de Lopez da “*Imprenta del Estado*” e da “*Imprenta del Ejército*” entre os anos de 1864 a 1869, constitui-se como um elemento de extrema relevância à história militar da América do Sul.

Nossa análise demonstrou, muito além das intencionalidades presentes nos discursos sobre Riachuelo paridos pelas prensas paraguaias, de que maneira uma guerra tão sangrenta como a da Tríplice Aliança contra o Paraguai expandiu suas armas para universos que iam além do uso de canhões, navios, fuzis, lanças e espadas. A imprensa, totalmente controlada pelo governo de Solano Lopez, tornou-se um instrumento de guerra, extremamente valorizado pelo presidente do Paraguai, cuja propaganda sobre um passado recente tinha interesses em ações futuras.

Isto é, além de forjar uma vitória paraguaia em Riachuelo, os periódicos paraguaios de trincheira construíram uma série de representações sobre outros elementos da guerra, tais

como o povo paraguaio e seu líder, as tropas inimigas e seus comandantes. Esses constructos visavam mais que uma mera glorificação de feitos guerreiros, pois lançava aos seus leitores cidadãos-soldados um desafio de manterem-se firmes e inabaláveis diante de tão repulsivos inimigos.

A imprensa sob os auspícios de Francisco Solano Lopez se constituiu desse modo, como armas de uma guerra total. Não foi à toa o ensejo dos articulistas do *El Centinela* e do *Cabichuí* em identificar tais periódicos como soldados que reforçavam as linhas paraguaias. Chegando a este ponto, cremos que alcançamos nosso intento na nossa busca por perceber de que modo as representações da imprensa de trincheira paraguaia sobre a Batalha Naval do Riachuelo têm relevância historiográfica na compreensão do conflito.

Finalmente, e independente de tais representações acerca da Batalha, concluímos este trabalho sem perder de vista os combatentes (brasileiros e paraguaios) que se enfrentaram naquele dia. Cada qual com suas múltiplas motivações e sentimentos, dos quais provavelmente nunca teremos a dimensão aproximada. E se durante o texto nosso foco voltou-se para muitas das representações da imprensa paraguaia sobre seus inimigos brasileiros, encerramos nossas palavras com outra representação sobre inimigos, mas sem as mesmas pretensões propagandísticas de nossas fontes, que é afirmação do Primeiro-Tenente Antonio Luiz von Hoonholtz (futuro Barão de Tefé), brasileiro que participou da Batalha enquanto comandante da Canhoneira *Araguari* em carta ao seu irmão datada de 22 de junho de 1865: “A esta hora em que te escrevo não existe mais esquadra inimiga; os paraguayos, na phrase pittoresca de Kléber – *battus à plate couture* – mas honra lhes seja feita: sustentaram o combate até que cessou por falta de combatentes” (HOONHOLTZ, 1911, p. 34).

BIBLIOGRAFIA

Periódicos:

- Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira (<http://memoria.bn.br>):
‘*El Centinela*’, Assunção, 1867.
‘*Semana Ilustrada*’, Rio de Janeiro, 1865-1868.
‘*Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*’, Assunção, 1865-1866.
- Biblioteca Nacional do Paraguai – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai (<http://bibliotecanacional.gov.py>):
‘*Cabichuí*’, Paso Pucú / San Fernando, 1867-1868.
- www.archive.org:
‘*Revista del Paraguay*’, Buenos Aires, Ano I N° 8, Agosto de 1891.

Livros e artigos:

- ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. Riachuelo: uma batalha de controvérsias. In. **Navigator**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 54-73.
- ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. A Batalha Naval do Riachuelo: uma visão micro-histórica. In. **Navigator**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 2, nº 3. JUN-2006. pp. 73-84.
- AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Vol. V, II Seção da II parte. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ARIAS NETO, José Miguel. Uma batalha naval concentra por si só um século de glórias: Riachuelo na história e na memória. In. **Navigator**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 35-53.

- ARIAS NETO, José Miguel. A Marinha do Brasil nos escritos oitocentistas sobre a Guerra do Paraguai. In. **Anais do II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO**, 2015.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura Ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BARBATO, Luís Fernando Tosta. A Batalha do Riachuelo no jornal Dezenove de Dezembro: guerra e identidade nacional. In. **Navigator**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 22. DEZ-2015. pp. 105-112.
- BITTENCOURT, Armando de Senna. **Introdução à História Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2006.
- BITTENCOURT, Armando de Senna. A batalha naval do Riachuelo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. In VIDIGAL, Armando & ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de (Orgs.). **Guerra no mar**: batalhas e campanhas navais que mudaram a história. Rio de Janeiro: Record, 2009. pp. 253-300.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA MARINHA. **Relatório do ano de 1865 apresentado à Assembleia Geral Legislativa pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, Francisco de Paula Silveira Lobo**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1866.
- CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito**: Religião civil e comemoracionismo. Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005.
- CENTURION, Juan Crisostomo. **Memorias del coronel Juan Crisostomo Centurion ó sean, Reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay**. Tomo Segundo. Buenos Aires: Imprenta de Obras, 1894.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 5 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra**. Tradução de Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. Disponível em <<https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>>. Acesso em: 12 de jan. de 2017.

- DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução de Sonia Coutinho. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. Tradução de Daniel Pelizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. **Narrativas, biografias e fontes da Guerra da Tríplice Aliança**: Subsídios para a História Marítima do Brasil. Volume 1. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2016.
- DOMENACH, Jean-Marie. **La propaganda política**. Buenos Aires: EUDEBA, 1968.
- DONATO, Hernani. **Dicionário das Batalhas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra**: Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Guerra do Paraguai. In. MAGNOLI, Demétrio (Org.). **Histórias das Guerras**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 253-286.
- ESCOBAR, Ticio. **Una interpretación de las artes visuales en el Paraguay**. Asunción: Centro Cultural Paraguayo Americano, 1982.
- FARINA, Bernardo Neri. **El periodismo de guerra**. Asunción: El Lector, 2013.
- FONSECA, Ignacio Joaquim da. **Estudo: A Batalha de Riachuelo**. Rio de Janeiro: Typographia Lombaerts & Comp., 1883.
- GILLINGHAM, Harrold Edgard. **South American Decorations and War Medals**. In. Numismatic Notes and Monographs 56. New York: American Numismatic Society, 1932. Disponível em < <http://numismatics.org/digitallibrary/ark:/53695/nnan116599>>. Acesso em 21 de fev. de 2017.
- GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**: Novos ensaios em antropologia interpretativa. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. O Inquisidor como Antropólogo. In. **Revista Brasileira de História**, São Paulo. ANPUH/Marco Zero, n. 21 - setembro 1990/ fevereiro 1991. pp. 9-20.
- HOONHOLTZ, Antonio Luiz von. **Memórias do Almirante Barão de Teffé:** a Batalha Naval do Riachuelo contada à família em carta íntima poucos dias depois d'esse feito (junho de 1865). Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911.
- IZECKSOHN, Vitor. O recrutamento de libertos para a Guerra do Paraguai: considerações recentes sobre um tema complexo. In. **Navigator:** Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 96-110.
- JOHANSSON, María Lucrecia. El guarani como arma de lucha: lengua e identidad nacional em la prensa de guerra paraguaya (1867-1868). In. RODRIGUES, Fernando da Silva & PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes (Orgs.). **Uma tragédia americana:** a Guerra do Paraguai sob novos olhares. Curitiba: Editora Prismas, 2015. pp. 501-531.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução de Bernardo Leitão. 5 ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.
- MARACAJÚ, Marechal Visconde de. **Campanha do Paraguay (1867 e 1868).** Rio de Janeiro: Imprensa Militar / Estado-Maior do Exército, 1922
- MAYANS, Miguel Angel Pratt. **Condecoraciones Y Medallas de las Guerras del Paraguay.** Asunción: El Autor, 2007.
- MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio.** Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MOREL, Marco. Palavras além das letras: Apontamentos sobre a imprensa e oralidade na primeira metade do século XIX. In. **Acervo**, Rio de Janeiro, V. 25, nº1, pp. 63-80. Jan/Jun 2010.
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. O marinheiro negro Marcílio Dias: as muitas memórias de um cidadão exemplar. In. **Navigator:** Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 84-95.
- O'LEARY, Juan E. **El libro de los héroes:** páginas históricas de la Guerra del Paraguay. Asunción: Librería La Mundial: 1922.

- PAOLINI, Jaime Enrique Grau & IRICÍBAR, Manuel Augusto. **La Batalla Naval del Riachuelo**. Boletín del Centro Naval. Nº 822, Octubre-Diciembre. Buenos Aires, 2008. pp. 401-413.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- SÁ, Francisco de. **Exposição do quadro Combate Naval do Riachuelo**. Rio de Janeiro: Tomografia de A. Guimarães & Comp., 1883.
- SILVA, Luiz José Pereira da. **Riachuelo**: poema épico em 5 cantos. 4 ed. Rio de Janeiro: Oficina de Obras do Jornal do Commercio, 1904.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TORAL, André Amaral de. **Imagens em desordem**: a iconografia da Guerra do Paraguai. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.
- TOWNSEND, Mary Lee. O humor e a esfera pública na Alemanha do século XIX. In. BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (Orgs.). **Uma história cultural do humor**. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. A Evolução tecnológica no setor naval na segunda metade do século XIX e as consequências para a Marinha do Brasil. In. **Revista Marítima Brasileira**. V. 120/N.10- 12. Rio de Janeiro, out/dez 2000. pp. 131-197.
- WARNER, William Eugene. **Warships at the Battle of Riachuelo**. North Charleston: Createspace, 2009.

ANEXOS

ANEXO 1:

Cronologia dos periódicos / Cronologia do conflito.

| | | |
|-------------|--------|--|
| 1853 | 21/05 | Lançamento do primeiro número do “ <i>Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles</i> ” em Assunção |
| 1855 | 01/08 | Decreto que regulou o uso da imprensa no Paraguai |
| 1862 | 10/09 | Morte do presidente paraguaio Carlos Antonio Lopez |
| | 16/10 | Nomeação de Francisco Solano Lopez como presidente pelo Congresso Paraguaio |
| 1864 | 10/08 | Início da intervenção brasileira no Uruguai |
| | 12/11 | Tomada do navio brasileiro <i>Marquês de Olinda</i> pelo Paraguai em Assunção. |
| | 13/12 | Início da invasão paraguaia ao Mato Grosso |
| 1865 | 13/04 | Paraguaios tomam a cidade de Corrientes |
| | 01/05 | Assinatura do Tratado da Tríplice Aliança |
| | 11/06 | Batalha Naval do Riachuelo |
| | 13/06 | Tentativa sem êxito de desencalhar a Canhoneira <i>Jequitinhonha</i> |
| | 05/08 | Tomada de Uruguaiana pelos paraguaios |
| | 18/09 | Aliados retomam Uruguaiana |
| 1866 | 24/05 | Aliados vencem a Batalha de Tuiuti |
| | 03/09 | Aliados vencem a Batalha de Curuzu |
| | 22/09 | Paraguaios vencem a Batalha de Curupaiti |
| 1867 | 25/04 | Lançamento do primeiro número do “ <i>El Centinela</i> ” em Assunção |
| | 08/05- | Retirada de Laguna |
| | 11/06 | |
| | 13/05 | Lançamento do primeiro número do “ <i>Cabichuí</i> ” em Paso Pucú |
| | 13/06 | Retomada de Corumbá pelos brasileiros |
| | 24/07 | Lançamento do primeiro número do “ <i>Cacique Lambaré</i> ” em Assunção |

| | | |
|-------------|-------|--|
| 1868 | 10/02 | Último número do “ <i>El Centinela</i> ” |
| | 18/02 | Passagem de Humaitá pela Força Naval Brasileira |
| | 23/03 | Retirada de Lopez e das tropas paraguaias do acampamento de Paso Pucú seguida da transferência para San Fernando, local onde o <i>Cabichuí</i> continuaria a ser publicado |
| | 25/07 | Tomada de Humaitá pelos aliados |
| | 20/08 | Último número do “ <i>Cabichuí</i> ” |
| | SET | Último número do “ <i>Lambaré</i> ” |
| | DEZ | “Dezembrada” – série de vitórias brasileiras nas batalhas de Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Angostura |
| 1869 | 01/01 | Tomada de Assunção |
| | 24/02 | Lançamento do primeiro número do “ <i>La Estrella</i> ” em Peribebuí (nova capital do governo de Solano Lopez) |
| | 14/07 | Último número do “ <i>La Estrella</i> ” |
| | 12/08 | Combate de Peribebuí |
| 1870 | 01/03 | Solano Lopez morre em Cerro Corá, o que resulta no fim da Guerra |

ANEXO 2:**Alguns dos principais colaboradores dos periódicos paraguaios pesquisados.**

| | <i>Semanario</i> | <i>El Centinela</i> | <i>Cabichuí</i> |
|-----------------------------|------------------|---------------------|-----------------|
| Juan Crisóstomo Centurión | | | |
| Tristán Roca Suarez | | | |
| Natalício de Maria Tavalera | | | |
| Gumercindo Benitez | | | |
| Francisco Solano Espinoza | | | |
| Fidel Maíz | | | |
| Manuel Colunga | | | |
| Juan José Benitez | | | |
| Victor Silvero | | | |
| Saturio Rios | | | |
| Carlos Riveros | | | |
| Eugenio Bogado | | | |
| Gerónimo Becchi | | | |